M. F. MARTINS E ABREU

SERRADOR E CARPINTEIRO

SP

Pela Civilisação do Brasil

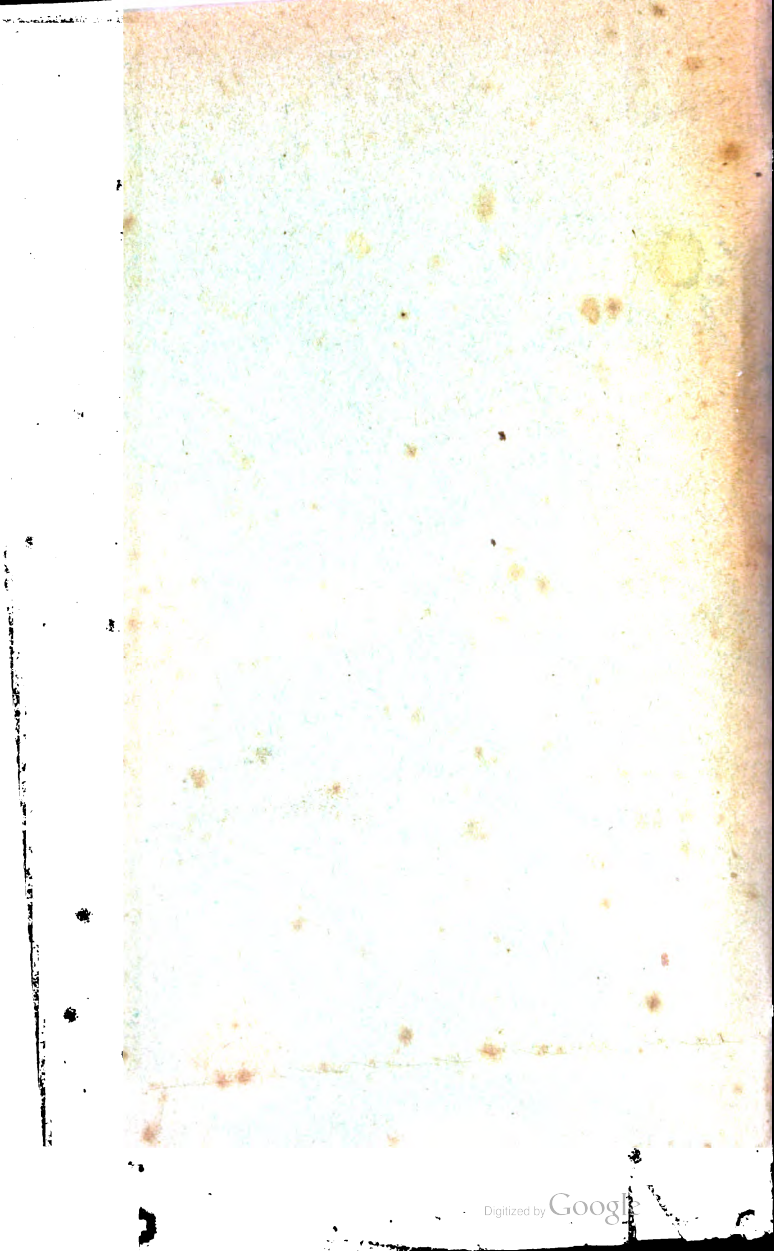
SUMMARIO:

Pró Cravinhos.—Notas.—As audacias da impunidade.—Carta do Dioguinho.—Os chefes de Cravinhos.—Reforma de costumes.—Um episodio.—Tragedia da rua Saldanha Marinho.—Carta ao dr. Toledo Piza, chefe de policia do Estado de S. Paulo.

CRAVINHOS (ESTADO DE S. PAULO)

MAIO DE 1903

A Silva Pinto

Offa, da parte do auctor,

com muita admiração pelo seu caracter e talento,

Lopes d'Oliveira

Portalegre
2 Junho – 1903

Pela Civilisação do Brasil

Pela Civilisação do Brasil

POR

M. F. MARTINS E ABREU

SERRADOR E CARPINTEIRO

CRAVINHOS (Estado de S. Paulo)

ABRIL DE 1903

A

Domingos d'Andrade Figueira

Ao velho incomparavel, ao patriota, sem temor e sem mácula — offereço esta obra como um tributo da minha admiração.

« Sei que hei-de morrer uma vez; e prefiro morrer essa vez a andar p'ra ahi a morrer de medo todos os dias. »

(Ex.^{mo} Conselheiro Dr. Andrade Figueira, no *Jornal do Commercio,* do Rio).

Vai, meu livro, rematar dignamente um periodo de 20 annos de combates pela honra e progresso da terra onde tenho metade da existencia, metade dos interesses, metade dos afetos.

Alguem certamente estranhará que eu não aproveite esta nova ocasião, em que a sorte me concedeu a vida, para dizer *tudo.*

Tenho boas razões para o não fazer d'esta vez ainda.

Todos sabem que os antigos grandes bandidos de Cravinhos são os modernos grandes eleitores de Cravinhos, por obra e graça do saracura e reciproco interesse de todos elles.

No dia da eleição, os *cidadões* de Geremoabo largam o clavinote e a munição para empunharem a lis-

ta; com o primeiro amedrontam os colonos, que nunca hão-de ser pagos, e os contribuintes, que hão-de pagar sempre. Com a segunda embaem o governo.

Isto, porém, não póde ir longe.

Estes desgraçados estão nas vesperas da total ruina, sem uma telha que os abrigue, sem um prato de feijões com que vão alongando seus crimes.

Ora os cadaveres são dos corvos e das moscas verdes.

*

* *

Nas depressões e penhascos em que se resolvem os pendores das serras do Bussaco, Caramulo e Estrela, quando o lobo malandro acúa a cabra que vai ser-lhe repasto, encontra pela frente, a contrariar-lhe o apetite, a vigilancia dos pastorsinhos que avançam resolutos contra a fera, com os seus gritos, cajados e fundas.

E, posto em fuga o matreiro insolente, repercutem pelos desfiladeiros e quebradas da montanha os brados de *sentido* aos outros rebanhos da região que, solidarios na causa comum, os transmitem de lombada em lombada, de pincaro em pincaro, de portela em portela, obrigando o vagabundo a sentir a prova do velho rifão:

«*Do mal guardado come o lobo*».

*

* *

Cravinhos é a malhada onde os pastores adormeceram, rodeados do matilha voraz que, cancelas a dentro, tripudia, enfartada, sobre a propria vitória.

*

* *

Pelas encruzilhadas topam-se cães danados, tanto na modorra como nas violencias hidrofobicas.

Quem os encontra é obrigado, por uso tradicional, a dar o alarme, para que o povo se arme de forquilhas, foices, farpões e cajados e nulifique o dâno das dentadas destes animaes perigosos.

A ultima vós do alarme torna-se, quanto ser possa, poderosa, para que as ondulações sonoras se estendam no raio maximo compativel com a trompa vocal e os pulmões do vigia.

*

* *

Cravinhenses adormecidos!
Attenção, que ha lobos!!
E cães danados!!!

PRO CRAVINHOS

Resido, ha dez annos, n'este municipio; e ha 5 annos que me attribúo a maior soma de direitos para aqui erguer a voz.

Nunca pude entender como num regime das mais largas theorias liberaes possam os peores dominar os melhores; como seja apto para o governo do alheio que nunca soube dar conta do seu; como possa ser regulador da nossa dignidade que em tudo mostra não ter noções do que é brio.

Sempre manifestei estes pensamentos; e sempre encarei de frente os attritos d'aqui resultantes.

Ao tornar-se autónomo este municipio esforcei-me por contribuir para a seriedade da sua administração, já trocando ideias com os que me procuravam, já vergastando pela imprensa os êrros de rumo e de detalhe commettidos no governo local.

A primeira edilidade, composta de homens dos melhores que temos, a custo resistiu por dois annos á indifferença geral pela coisa publica.

Arrecadou duzentos contos; aproveitou uns cento e trinta.

Talvez não haja no Estado quatro municipalidades que possam gabar-se de ter feito tanto.

Mas fragil é o peito humano.

Sem os incentivos do applauso, entregaram-se a alguns êrros, não sendo o menor terem-se zangado comigo por eu querer ajudal-os com os meus conselhos e experiencia.

E consentiram junto a si elementos perniciosos por quem foram logo depois substituidos de facto.

A minha lucta contra esses elementos tornou-se logo violenta: eu previra, com segurança, o futuro a que chegámos. Nos dois annos seguintes arrecadaram-se outros duzentos contos e aproveitaram-se uns oitenta.

Havia no Paiz só um partido; o Republicano Federal; e a sua scisão após a moção Seabra, não repercutiu em Cravinhos.

Aqui continuou a haver só um partido e o chefe continuou a ser o senador Alves Guimarães.

Mas quando um grupo de velhos, deixados de lado, se insurgiu contra a audacia dos novos e formou o Partido Dissidente, chefiado pelo velho e honrado Prudente de Moraes, os admiradores deste, neste municipio, sob a direcção do senador Alves Guimarães, não acompanharam as tradições adhesistas da politica republicana brasileira e mostraram-se dispostos a resistir ao Governo.

Ora isto de aparecer n'este paiz e n'este tempo um grupo oposicionista é um caso do pathologia civica.

E o governo tratou de arranjar um medico e os remedios adequados aos terriveis symptomas.

O resultado foi que os elementos perniciosos suplantaram os bons cidadãos, os da primeira vereação, os dissidentes, cujo grupo ficou assim depurado como dantes; e d'esta vez arrependidos de terem-me querido mal por eu lhes querer bem.

Em 1902 a camara dos elementos perniciosos arrecadou 100 contos e — aproveitou uns vinte.

A seriedade governativa desceu ao nivel da lama. Se eu n'este tempo tentasse segurar a minha vida em qualquer companhia, o meu acto seria uma deshonestidade. Em seguida a cada um dos meus artigos na imprensa, que me acolheu sempre com benevolencia, sabia-se que se tramava contra a minha vida.

As cartas anonimas de ameaça e os avisos d'amigos vinham, por egual, perturbar a serenidade do meu viver.

*
* *

A' percepção do publico escapa completamente o espirito do nosso tempo e da nossa legislação. O povo não é um corpo homogeneo de aspirações communs.

A unica maneira de governar será, pois, o absolutismo do governo, porque de uma insurreição vencedora só poderia sair a desordem, como já está visto.

Mas a responsabilidade do Estado é então completa e tremenda.

Quando entregar o penacho, (isto é, a Camara com seu *cofre autonomo*, e os empregos estaduaes e fe-

deraes e a policia) á um grupo — o resto dos cidadãos ha de fazer-lhes continencia, e vender-lhes fiado, e alugar-lhes casas e emprestar-lhes dinheiro — isto é, presenteal-os.

Ha de aquiescer passivamente e de cara alegre ás bebedeiras, ás ladroeiras, aos caprichos e votações da grei.

O corpo dos advogados conluia-se com ella (nota 1.ª).[1]

Os juizes não resistem á onda.

As testemunhas ou fojem ou prejuram ou *dizem* o que não disseram; ou não são ouvidas, se tem o topete de redigir.

Mudando a situação, os vencidos de hontem ajuntam os juros de móra á conta de seus rancores.

Dentro d'esta engrenagem se adapta facilmente o estrangeiro, que não veio aqui para quebrar lanças contra moinhos de vento, mas para arranjar dinheiro e voar a seus lares, cheio de desprezo pela pastagem onde engordou.

E', pelo menos, metade da nossa população.

Os que ficam e tem alma vão para seus sitios emperrados n'um isolamento que os nulifica para o presente, embora os torne os melhores cidadãos do futuro, desenvolvendo a riqueza publica e creando os futuros brasileiros. O governo não conhece os mandões d'aldeia. Conhece os *coroneis,* fazendeiros analphabe-

---

[1] As notas vão todas adiante.

tos, que se contentam com serem compadres do general Chico, obterem a collectoria para um sobrinho rebentado, a quem sustentaram sempre a mandria, e fazerem zelador do cemiterio um seu antigo cachorreiro ou capanga, de cuja insania se vêem livres.

Recebem retratos a oleo na sala da camara e manifestações com musica e engrossamentos que os fazem sorrir, ás vezes, pelo intempestivo.

Receberão sempre a compaixão dos homens de criterio; pois até são, muitas vezes, pessoas excellentes. (nota 2.ª).

E o governo esforça-se por illudir-se com a crença de que tudo irá pelo melhor no logar onde estes mandões nada mandam.

Os que mandam, *os patriotas*, sabem, ás vezes, lêr; inventam cada dia uma contribuição e dois vicios; não obtiveram em regra, a carta de bacharel mas tiveram tempo de largar, lá pelas *republicas*, todas as virtudes de seus paes; é mais facil um burro voar do que obrigal-os a ter senso moral.

Dão vivas a Tiradentes, a Floriano, a Venus, a Baccho. Muitas vezes não sabem lêr, mas sabem o resto

No jogo e na libidinagem consomem tudo o que lhes vem ás mãos — seu ou alheio.

A venda é do *gallego*.

A sapataria é do *carcamano*.

O alfaiate fizeram-no irmão na maçonaria.

O padeiro dá-se-lhe licença para poder receber dos seus patricios hespanhoes.

Ao açougueiro concede-se que traga os animaes soltos pela rua e ordena-se ao Lançador que se esqueça de o tributar.

Ao senhorio garante-se a *Limpeza Publica* um anno antes do *concurso* e por quantia certa.

Aos muzicos entregam-se as armas tiradas pela policia aos pobres diabos.

Ha recalcitrantes?

Decreta-se e promulga-se uma lei tributaria que os obrigue a liquidar os seus negocios (nota 3.ª).

Não se resignam?

Aquellas enguias que os soldados trazem á cinta não são para vista.

A liquidação é morosa ou difficil d'esta maneira? Salta á arena o capanga.

Espera-se, em rua escuza, o condemnado; trez embuçados e um assassino e um ebrio e um irresponsavel resolvem liquidal-o.

Para o caso de insucesso, outro grupo em que ha advogados, engenheiros, professores e assassinos e que egualmente vai vivendo exclusivamente da mesma desgraça — espera-o no escuro, a alguns metros de distancia.

Os primeiros chegam-lhe os revolveres ao peito, tentam subjugal-o, dão-lhe bordoadas e tiros.

Consegue sair das mãos dos bandidos e retira-se; recebe pelas costas varios tiros, é attingido e alcança entrar em sua casa.

Agita-se a população; escreve-se a homens prestigiosos e sem politica na capital, para que se intendam

com o Presidente, telegrapha-se a este; vem um Delegado auxiliar com escrivão e secretas e fortifica-se a tenue esperança publica, *parando todos os actos de esparrâmo, a pedidos da victima.*

Mas o Delegado acha que os aggressores confessos podem continuar em liberdade, prestigiados nas suas funcções publicas, dominando a policia, amedrontando as testemunhas, fazendo o inquerito do seu mesmo crime e assombrando este povo!

*

* *

Os povos não carecem de governos *ad ostentationem.*

As leis e os governos que as fazem cumprir não são invenções para engordar grupos.

Mesmo nos paizes onde o povo contribue mais ou menos para a formação dos poderes publicos, a interpretação do Direito não vai até á proteção do crime.

Os romanos, que foram um povo de patriotas praticos, legaram-nos em tudo exemplos opportunos, desde aquelles juizes tremendos que condemnavam os filhos á morte, cobrindo a cabeça com a toga, até a maxima imorredoira do seu Direito Publico: «*Salus populi, suprema lex*...» Sim! A salvação da Patria, a honra do Paiz, o interesse publico — estas são as grandes leis dos Estados. Mas quem é este tal publico?

Não são os capangas, nem os desclassificados, nem os *patriotas*, nem os *politicos*, nem os devassos, nem

os ebrios, nem os vagabundos; e muito menos são os que de todas estas classes já descahiram para o crime rasgado. O *publico* em Cravinhos, são as naturezas convergentes, os homens uteis, os fazendeiros e negociantes, os colonos e carroceiros — todos, emfim, os que podem explicar do que vivem.

O governo finge acreditar que é eleito. Nós vemos que o publico nunca o conheceu nem o conhece. Foi um dia assombrado por uma sedição de caserna que cortou as tradições do paiz, inaugurou um regime de intolerancia e negociatas, fez descer o cambio a 6 e a moral publica a zero.

Os homens benemeritos, os que tinham engrandecido esta terra, isolaram-se perseguidos, como Ouro Preto e João Alfredo. Os que tinham capacidade e disposição para continuar a engrandecel-a, ou desenganados como Martim Francisco, apitam terrificamente e eloquentemente ante o cadaver da Patria; ou estão para ahi debatendo-se ingloriamente como Lauro Sodré para não deixarem afundar o alteroso e desligado edificio que a civilisação da raça portugueza elevára em 4 seculos, á custa de esforços cada vez mais incomprehensiveis; ou, naturezas predestinadas, firmaram pé no meio do lodaçal e estão para ahi debatendo-se e distribuindo bordoada de cegos, como Olympio Lima. O publico compara o passado com o presente e as deduções são esmagadoras para este.

Ninguem crê nas instituições.

Abandonaram-se de todo as urnas; não ha eleitos, ha nomeados; em 13 annos de republica, *nem um* de-

putado ou senador monarchista ainda conseguiu salvar-se.

A lucta de Andrade Figueira, o brasileiro admiravel, é um claro aberto na noite de pesadellos que nos trouxe a *criminosa indifferença geral.*

*

* *

A vida do Paiz depende, pois, do patriotismo do governo, que em si, exclusivamente, consubstancía todas as forças politicas da nação adormecida :

escolhe, aponta e nomeia os legisladores ; estuda, redige, publica e executa as leis.

*

* *

Esta força colossal e irresponsavel, tão absoluta como a dos sóvas no centro d'Africa, ha um seculo, chegára a Cravinhos com o Dr. Victor Airosa, no dia 4 d'Abril de 1903, ás 4 e 35 da tarde. Capacitou-se para logo, e confessou e escreveu :

1.º—que um cidadão util, activo, honesto, patriota no bom sentido, com larga folha de serviços prestados no paiz, fôra assaltado a tiros em emboscada, com muitas aggravantes ; não morrendo, devido a circunstancias independentes da vontade dos assassinos.

*

2.º—que os assaltantes foram 3 capangas, tendo á frente, em actividade e de rosto descoberto, os que nesta villa dispõem da policia, da camara, das repartições publicas—pessoas attreitas a commetter crimes.

3.º—que as causas do ataque são a resistencia que o atacado vem oppondo, ás claras, aos desmandos, extorsões, vicios e crimes dos atacantes.

Concluiu; fez um relatorio para o governo em que julgou urgente providenciar:

E...

—Não assumiu jurisdição.

E deixou os criminosos no quente das suas posições, fazendo o inquerito do seu proprio crime; obrigando o municipio a ir a casa delles fazer os registos de batisados, casamentos e obitos e as escrituras de compra e venda; e a solver alli por elles e com elles as questões do juiz de Paz, da policia, da Camara; rodeados dos mesmos capangas, delegados do mesmo saracura, empreiteiro do Quinzinho da Cunha, compadre do compadre Chico, com quem o governo não quer historias.

*

*   *

De tudo isto houve durante o imperio.

Mas então havia uma força onde esbarravam os tyranetes e os criminosos.

Uma força que nunca incutiu pavor, mas que soube sempre ter em si o respeito para poder-se contar com ella.

Relatemos:

Foi ha vinte e tantos annos.

Um advogado mineiro, cheio de energia e de talento, incompatibilisara-se com os seus conterraneos em lutas politicas e viera estabelecer-se em Campinas com sua familia.

Tinha dois filhos, moços de esperanças, que não desmentiram; e uma moça, que casou com o filho d'um nababo campineiro.

O advogado mineiro e o fazendeiro de Campinas tinham qualidades divergentes; brigaram; e desta briga sairam taes faiscas que o governo provincial julgou dever intervir, protegendo o advogado contra os capangas do outro.

Esta protecção foi ineficaz; porque á saida d'um theatro, pelo braço do comandante da policia, foi o advogado morto com uma bala.

Ninguem viu quem disparou.

A politica, a capangagem, os atrazos sertanejos, fizeram bateria em torno do *coronel*, que dominava a cidade e possuia até algumas virtudes.

Então a viuva, energica como soem ser as mulheres de Minas, e os dois filhos, que já frequentavam a Academia de S. Paulo, pegaram na roupa varada e ensanguentada de seu marido e pai e marcharam para o *Palacio de São Christovam* a pedir — justiça.

O governo do imperador foi sempre um governo

honesto e tinha, portanto, homens dignos de si para todas as contingencias.

Veio um a Campinas informar-se.

E, para logo, debandaram espavoridos os saracuras da cidade.

Substituiram-se as autoridades; prenderam-se honradamente algumas pessoas perigosas; e a nova devassa, acompanhada àgora pela familia da victima, começou a render.

Resultados: Foi sempre absolvido o mandante; ficou, porém, liquidado em toda a linha; seus descendentes finam-se por ahi na miseria, em quanto os do assassinado chegaram ás culminancias sociaes.

Em Campinas não houve mais capangas, entrando então a bella cidade no dominio de um progresso a que servem de base as leis.

*
*   *

Onde é hoje o Palacio de São Christovam?

Onde essa força moderadora das imperfeições das leis e dos homens, impulsionadora do progresso, garantidora dos fracos — mola real das sociedades?

*
*   *

Talvez o Dr. Bernardino de Campos saiba responder-me.

*

* *

No fim de Março as coisas estavam no auge de tensão entre mim e os dominantes.

Em 1902 a camara arrecadára uns cem contos; e tinha presentemente dividas passivas de uns oitenta contos, sem se terem aproveitado em beneficio publico nem quarenta contos.

Raramente eu aparecia na imprensa; mas agitava os bons elementos do municipio, encorajando-os para pôrmos um paradeiro a isto. Tanto eu os procurava em suas fazendas e lhes escrevia como elles vinham a minha casa (nota 4.ª).

E mandava á Directoria de hygiene (nota 5.ª), á chefia de Policia (nota 6.ª) e ao Presidente do Estado memoriaes relatando a nossa desgraça.

Minado assim o terreno debaixo dos dominadores, a vida tornava-se-lhes intoleravel com o desprezo dos bons cidadãos, com os seus credores particulares e com os da Camara.

Um facto inesperado veio encorajal-os para o meu assassinato.

*

* *

O vigario Giacomo de Petris estava, havia annos, á frente d'esta parochia. Notabilisara-se por mais de

um motivo: incansavel nas cerimonias do culto — missas, sermões, novenas, via-sacras, terços e todas as outras maneiras de chamar almas para o ceu e patacos para a algibeira. Sempre o julguei atheu.

Evitavamo-nos. Nunca eu fôra a sua casa e elle só veio á minha por duas ou tres vezes com subscripções.

Quando o encontro era inevitavel, elle esforçava-se por mostrar-se espirituoso. A sua indole gananciosa alienara-lhe muitos dos melhores espiritos desde o começo, em que aquelle altar se transformára em balcão sordido de taberna. O seu porte agigantado, apparencias distinctas, grande actividade, voz stentoria — aprumado, soberbo — destacavam-no em toda a parte.

Não passava por casto; mas era cauto. Comprehendeu bem o meio que explorava. Sendo e conhecendo-se superior aos dominadores da terra, nunca se familiarisou nem se deixou explorar. Sabia-se que fazia grossas remessas de dinheiro para a Italia, donde recebia partidas de vinhos que aqui negociava. Lá fôra uma vez de passeio, deixando em seu logar um patricio de baixo caracter a quem os politicos logo dominaram, sangrando-o em saude ante as pilhas de garrafas de *Babaria* e ceias e prazeres e — facadas, que elle pagava como um patinho.

O resultado foi que *elles* fizeram correr uma representação (que nasceu na loja maçonica que aqui fundaram para os ajudar a viver á custa alheia; e já marchou, adiante d'elles, d'esta para melhor) ao Bispo pedindo a nomeação definitiva d'este typo.

E cá veio o Rev.^{mo} Dr. Manoel Vicente, que logo

comprehendeu o jogo e os deixou com um nariz d'este tamanho...

O tal typo emigrou para o Rio da Prata.

E, ao chegar alli, foi prezo com uma companheira, como passadores de notas falsas, de que lhes foi encontrada quantidade.

Volta de Petris da Italia; reassume o seu logar e continúa a explorar a mina do pé d'altar, como fazem, têm feito e farão, em regra geral, todos os sacerdotes de todas as seitas de todo o orbe.

Corria alguma noticia de suas conquistas amorosas e os invejosos não faltaram com o nome de moralistas. Mas o padre acautelava-se e as labaredas não appareciam.

Ás vezes dava-lhe para rigorista sob os canones e não reconhecia *jurisdição* a quem fosse casado á patuleia.

Desta maneira melindrou muitas pessoas que deixaram de ir á egreja; sendo certo que antes d'isto já não appareciam senão para inglez ou ingleza ver.

Mas o vigario ia vivendo e ninguem pensava em bolir com elle; porque os costumes estão por tal maneira corruptos que elle ainda era superior, em todos os sentidos, aos seus desaffeiçoados.

Nenhum podia, em nenhum paragrapho, de nenhum artigo, de nenhum capitulo, atirar-lhe a primeira pedra—nem a ultima. E' a verdade.

Mas em Março falou-se que o padre attentára (em vão) contra o pudor de uma sua confessada. Nem uma testemunha, nenhum estrago, nenhuma queixa, ne-

nhum indicio, nenhum estardalhaço — nenhum elemento de crime.

Pois, talvez por isto mesmo, no 1.º d'Abril, concertam os dominadores alguns elementos d'aversão contra o vigario; a policia ficaria no quartel, detida. Elles iriam na frente.

Nesse dia apitou a moral; apitou a lei; apitou o bom senso — apitou a civilisação.

Foi, segundo ouvi, uma scena de selvagens.

Alli havia o pseudo materialismo contra o velho espiritualismo;

O maçonismo, nas suas camadas ignorantes e despresiveis, contra o catholicismo decrepito; a licença, contra a hypocrisia, o pús contra a lama.

Houve um bravo homem (o Dr. Jeronimo de Cunto) que, de revólver em punho, ameaçou em alta voz disparal-o sobre quem ousasse erguer a mão contra o padre.

Pois esteve em risco. O poviléo, ao ver que o expolio do vigario tinha quem o arrecadasse, ficou furioso.

Alguns, que lhe deviam dinheiro, achavam ainda pouco aquella forma de liquidar debitos.

A policia foi então energicamente requisitada pelo chefe da Estação que, talvez enojado com o espectaculo e receioso de que alli se désse algum acto desairoso para a dignidade da companhia, protegeu o pobre homem até o fazer entrar num vagão de cargas, onde marchou sob uma vaia que humilhou no seu habito

aquella seita religiosa a que nós, occidentaes, devemos muitos dos brilhos da nossa civilisação.

*
* *

Os dominadores, pasmos do resultado que não comprehenderam, pensaram então em mim.

Faz alguns annos que eu defendo a dignidade desta terra contra elles e que elles esquadrinham a maneira de eliminar-me.

Quando o nativismo parvamente me observou que eu não nasci neste paiz, eu respondia-lhe pelo «O Commercio de S. Paulo»:

«Quem foi completamente assimilado pelo meio electivo, num paiz onde tudo está por fazer; quem, em muitos lustros deu a um paiz toda a sua honrada actividade, contribuindo para o desenvolvimento moral e material da nova patria onde chega a ter interesses a defender e affectos a prezar — esse não é estrangeiro.

É, pelo contrario, ante o amor dos verdadeiros patriotas e ante os desvelos do governo, o primeiro objecto de seus cuidados.»

A um desocupado e faminto e vicioso (porque nunca vi estas observações partirem dos que produzem) que queria só para os brasileiros o direito de discussão e de critica, respondi:

« Sim. Mas eu sou brasileiro.

Agora:

Aquelle que não produz o que consome, não é brasileiro — é parasita.

E o que não tem um modo de vida honesto, não é brasileiro — é vagabundo.

E o que não paga as suas dividas, não é brasileiro — é caloteiro.

E o que, depois de queimar na crapula o fundo do negocio alheio, paga aos credores com um terço em alcaides e se presta a ser instrumento repugnante da vontade alheia, para ir vivendo, não é brasileiro — é fallido, é capanga, é bandido.

E o que não ampara seus pais, nem educa seus filhos, nem respeita sua esposa, não é brasileiro — é um desbriado.

E o que se apossa do alheio por endossos capciosos ou falsificações de escrita, colocando o fructo das suas pescarias em nome d'outro, não é brasileiro — é patife.

E o que protege gatunos de profissão, não é brasileiro — é larapio.

E o que se embriaga por habito, não é brasileiro — é um ébrio.

E o que não respeita o pudor da viuva honesta e de suas filhas nubeis e assim inutilisa familias muito distintas, fazendo, sem o menor recato, gala na mizeria, nas barbas d'uma população ultrajada, que é quem está pagando as despezas — não é brasileiro, é um biltre.

E o que paga (quando paga) o aluguel da casa que habita, o pão e a carne que come, os animaes

que monta, a mobilia que usa, as roupas que veste e os serviços domesticos que utilisa, com arranjos que se liquidam á bocca do cofre alheio — não é brasileiro — é um tratante.

E o que solve letras com proteção politico-maçonica ao portador assassino, não é brasileiro, é a mais reles de todas as coisas — é um *politico.*

E o que conduz para o leito conjugal molestias secretas dos lupanares, não é brasileiro — é um abjecto mariola.»

Ora bem:

Estes senhores, embriagados pela sahida do padre, resolveram a minha morte.

Sabendo que não podiam contar com o povo, prescindiram d'elle.

O Delegado, sempre obediente, reconheceu-se falto de forças para a empreitada, exonerou-se e saiu da villa com a familia no mesmo dia.

O 1.º supplente, inteirado do presente de gregos, não recebeu a vara e censurou o intento.

Foi insultado.

Quiz reagir. Foi reduzido á impotencia por um engenheiro e um advogado; e assim lhe fez Lopes Sambaqui uma brecha na cabeça que o poz a pão e laranja.

Tomou a vara o moço Aristides Barreto, na ignorancia de tudo.

E foi joguete inconsciente d'elles até ao resto. Não deixa de ser bom rapaz, por isso.

Nunca deu, nos negociantes, saques endossados pelo terror da sua posição.

Se não acudiu ao tiroteio foi porque não pôde; do contrario lá iria e apanharia como cachorro, se não ficasse quieto.

Veio a minha casa com um escrivão e dois medicos para fazer o corpo de delicto, a que me neguei cheio de compaixão por este pobre moço, que parecia acreditar n'um inquerito feito pelos proprios criminosos!

Então no dia 3 mandei ao Presidente do Estado um telegramma narrando o facto (nota 7.ª).

A 4 estivemos esperando as providencias do governo.

A 5 saiu d'uma reunião de quinze fazendeiros um protesto contra o vandalismo, sendo endereçado ao senador Alves Guimarães, a quem se pedia que o apresentasse ao chefe de policia e pedisse providencias (nota 8.ª).

Outro protesto foi escrito, dirigido ao dr. Thomaz Watheley, no mesmo sentido (nota 9.ª).

Ainda uma representação foi feita para o presidente do Estado (nota 10.ª).

Foi escolhido o pessoal para fazer correr as assignaturas pelo municipio.

São todos brasileiros!

Mas n'esse dia, á noite, chegou o delegado Airosa, com escrivão e secretas.

Pude apanhar as trez representações, guardei-as, pedi silencio e demonstrei aos seus promotores que aquelle serviço estava prejudicado com a chegada do

dr. Airosa, cuja vinda muitos chegaram a tomar a serio (nota 11.ª).

Ao atravessar da estação para o hotel tropeçou nas latas e cannas que os garotos alli abandonaram, depois da vaia ao vigario.

Trez horas depois da sua chegada foi assassinado, alli do outro lado da rua, um homem a cacete e faca.

Tomando a fresca da noite, alli esteve proseando com os hospedes do mesmo hotel o ex-collector Luiz Costa, condemnado a uns annos de cadeia por haver dado um desfalque de 30 contos, e aqui está *preso.*

Depois do jantar, encostou-se á mesma umbreira a que foi esfregado o funccionario federal Moraes Barros, por ter-se recusado a filiar-se na quadrilha que aqui domina.

No mesmo dia, no bairro da Serrinha foi morto a foiçadas o hespanhol Carrilho.

Na porta do Syrio Elias attentou nas nodoas de sangue que alli ficaram quando o irmão d'este foi para o cemiterio com uma bala, poucos dias antes.

Na sala da cadeia ainda cheirava ao sangue de um preto àssassinado lá para o Espraiado.

Alli, da casa do assassinado millionario portuguez Francisco Bomfim, vinha a suggestão do abandono d'esta villa a um banditismo impune e protegido!

O povo assiste aterrorisado, indifferente, bestificado, ás vezes lamuriento ao funccionamento d'este machinismo...

*

* *

O dr. Airosa chegou, no dia 6, até perto da minha porta, mas não teve a coragem de entrar.

Talvez lh'o estorvassem as ordens *reservadas*.

A um velho meu vizinho, que lhe perguntou se vinha aqui, respondeu que ia mandar chamar-me.

Nem isso fez. E não podia fazel-o.

Ahi por volta do meio dia, apresentou-se á minha porta, com ordenança, um rapaz de maneiras distinctas e cumprimentou.

Depois das venias iniciaes :

— A quem tenho a honra de fallar?

— Ao escrivão do dr. Airosa, 2.º delegado da capital.

— E o que pretende de mim a policia?

— Conversar ácerca da emboscada que o ia victimando no dia 2.

— Uma preliminar: quero saber se é ao cavalheiro ou ao funccionario com jurisdição que estou fallando. Se a conversa é um interrogatorio em inquerito crime, este tem formalidades que reputo essenciaes e que as distincções da sua presença não pódem supprir...

— Perdão. O dr. Airosa não está com jurisdição; *por incidente*, de *passagem*, encontramo'-nos aqui; e como andamos pelo Estado em serviços analogos, *portamos* para vêr o que ha e informar o chefe.

As auctoridades, porém, continuam as mesmas e estão trabalhando no inquerito...

— Do crime que cometteram!

Se eu não tomasse como gracejo diplomatico o que o cavalheiro acaba de dizer habilmente, dir-lhe-ia que mudassemos d'assumpto e conversariamos então sobre flôres, litteratura e outros assumptos agradaveis.

— Dou-lhe a minha palavra de honra que disse a verdade!

— Aceite, pois, intacta, a minha resposta já dada para a hipothese.

Entretanto receberei com o maior agrado o dr. Airosa, se me der a honra de procurar-me».

Não veio. Não lh'o consentiram, talvez, as *ordens reservadas*.

E quando á noite se apresentaram as testemunhas de vista Jorge Fagundes e Francisco Claudio, não se escreveu o seu depoimento. E o dr. Airosa, sentado familiarmente entre a quadrilha, explicou áquelles moços que eu não me apresentára, que não dera queixa e que portanto...

Triste condição a de um governo!

Não creio que este leia jornaes estrangeiros e revistas. Se os lesse, haviam de deparar-se-lhe, de vez em quando, pedaços orientadores que muito beneficamente influiriam nas suas deliberações.

Um criterioso jornal allemão, acatado em todo o mundo culto, (*National Zeitung*) falando da absorção germanica no sul do Brasil, disse ha poucas semanas:

«...Para o Brasil adquirir o socego originado na confiança de si mesmo, é mister que o governo trabalhe pela ordem interna do Paiz e que promova a sua civilisação...

Estes e não outros são os baluartes inexpugnaveis das nações...»

*

* *

Oiço d'aqui perguntarem-me pelas causas imediatas d'este assalto liquidante.

Houve-as.

Logo que firmei residencia nesta villa e cá adquiri propriedade, julguei-me, para todos os effeitos, um brasileiro, um cravinhense.

O insignificante peculio que conseguira salvar na derrocada geral, foi reunido durante muitos annos, vintem a vintem, fazendo, com o proprio braço, derrubadas, plantando cafezaes, administrando lavoiras, localisando colonos, dissecando pantanos, extinguindo formigueiros, commerciando em vinhos que importei, levantando plantas de terrenos, educando os futuros brasileiros e brasileiras — isto no seio das primeiras familias paulistas — os Souza Queiroz, os Campos Salles, os Ferreira, os Camargo, os Cunha Bueno, os Ferraz, os Uchôa; em casa dos quaes ainda hoje entro, *sem excepção de uma só*, pela porta mais larga, e cuja generosidade torna em festa os raros dias felizes para mim em que os visito.

Os homens superiores, que possam comprehenderme, vêem claro que *«regnum meum non est de hoc mundo»*. O choque entre mim e o meio, dado o meu temperamento, era inevitavel.

Não tendo feitio para platonismos não me enclausurei na Cartucha, dirigi-me á imprensa.

Fui por vezes violento e não admira: esta mão calosa que na mesma manhã racha a lenha para cosinhar o almoço, rectifica, na corrida da juntoira e golpes de enxó, uma taboa, levanta um trecho de parede, descarrega um vagão de pranchas, aperta as juncções d'um encanamento e escreve este artigo — esta mão, ao castigar os criminosos sociaes, os que deshonram o nosso tempo e o nosso meio, os normalisadores dos desfalques (nota 12.ª) tem fatalmente de empregar therapeutica á altura da molestia.

*

*   *

Cançado um dia de viver na casa alheia, construi uma para mim; e, rebentando as alças ás canastras companheiras das minhas aventuras, fiz-me serrador e negociante de madeiras. Quantos mezes fui, não já carpinteiro e pedreiro, mas servente nestas artes, não sei dizel-o. Foram porém muitos.

Tornei-me, assim, um contribuinte; e, naturalmente, interessado na administração municipal. A 1.ª vereação era composta de gente limpa e fez o possivel. Mas logo uma corvalhada faminta começou a ro-

dear o cofre e eu debalde a gritar álerta para os meus consocios no seu conteudo.

Cae o preço do café.

As fortunas ficam reduzidas a zero. E a corvalhada, em parte por isso mesmo, a augmentar, a augmentar, a augmentar, e as contribuições a augmentar egualmente.

Um bello dia os homens limpos são de todo supplantados pela corvalhada (nota 13.ª) no assalto da traição e do caradurismo, com o auxilio do governo.

Nesta occasião a Camara equilibrava o activo com o passivo; e passados 15 mezes, sem se saber como, chegou á ruina, sem alterações na arrecadação.

Deve uns oitenta contos e o credito acabou-se-lhe de todo.

O nosso dinheiro está servindo á crapula, ao jogo, á bebedeira; paga a um empregado que está feito creado de capangas, até para lhe despejar as aguas servidas. E paga tambem as descargas que a corvalhada me solta pela rectaguarda (nota 14.ª).

Quem ignora isto em Cravinhos?

— Ninguem.

Que faz o povo?

—Paga e treme!

Que faz o Governo?

—Põe a policia ás ordens dos malandros.

*

* *

Ora em Fevereiro eu tive a ideia de fazer chegar ao Governo a noticia do nosso abandono, ante a provavel invasão da febre amarella, que nos sitiava por S. Simão e R. Preto.

O Intendente fugira logo que os primeiros doentes entraram no hospital; passou, com aquella cara dura que o distingue, o cargo a um vereador a quem até alli levára por vezes á triste figura, mas que agora resistiu, não aceitou e resignou o mandato.

Pudera! Alem da febre e dos papelões já representados por este homem, aliás respeitavel, havia os credores da Camara que rodeiam o cofre, esvasiado antes da fuga.

A *limpeza*, que já uma vez fôra *entregue* a quem deu um burro ao Intendente; outra vez a um creado d'este (que ainda está esperando pagamento) —fora *entregue* a um seu cunhado.

Adoeceu e morreu á mingua este pobre homem, apesar de figurar nas folhas como pago em dia.

Foi substituido, para até ao fim do anno, por uns italianos que, não vendo a cruz do cobre, iam fazendo o serviço *por demais* ou não o fazendo, sem haver quem tentasse ou pudesse chamal-os á ordem.

Algum lixo que tiravam das portas era despejado no primeiro beco ou depressão do terreno.

*

* *

Grande era o perigo que eu tentava conjurar.

Vem então um medico do serviço sanitario a cheirar isto.

E não encontra um medico, um camarista, uma auctoridade com quem se entenda.

Apenas Elidio Taveiro lhe garantiu que estava representando isso tudo.

O candidato ás galés ou ao Hospicio falou verdade. Estava mesmo. Mas o medico não pôde deixar de sorrir-se; e indo ao hospital e não encontrando alli roupas, nem loiças, nem banheiro nem nada — telegrafou ao Governo estes horrores.

Vem então nomeado Delegado Estadual de hygiene o Dr. Ponciano Cabral, que para logo ordena o resguardo do poço municipal, que estava descoberto. A camara responde que não tem dinheiro; e eu encarrego-me de fazer a obra por conta do governo, que assim se torna tambem crédor do municipio.

*

* *

Tudo isto era, sobre perigoso, deprimente para os cravinhenses. E eu tentei, então, um golpe decisivo á infamia organisada.

*

* *

O Dr. Thomaz Watheley é uma das figuras mais estimadas d'este municipio; nunca fôra politico activo, tem grossas relações de parentesco, facilidade de chegar até ao Governo e é um homem limpo. Consegui que o velho e insigne trabalhador Antonio d'Azevedo, rico fazendeiro, homem resoluto e pae de uma brilhante pleiade de rapazes na flor da vida, o procurasse em S. Paulo.

Escrevi-lhe relatando a nossa desgraça, sem, aliás, lhe contar novidades. (nota 15.ª) 39

Pedi-lhe que se entendesse com os lavradores cravinhenses residentes na capital e os deliberasse a não pagarmos as nossas contribuições á Camara, em quanto o cofre não mudasse de mãos. Secco o cofre, já se vê, a corvalhada debandava.

Isto em quanto eu aqui conversava com o Coronel Cunha Bueno, Juca Ferraz e outros.

*

* *

A ideia morreu, como morre tudo quando o povo chega a perder a confiança em todos e em si mesmo.

*

* *

Eis ahi algumas causas immediatas do assalto. (nota 16.ª)

Vê-se que elles teem razão. Porque eu não lhes

dou quartel; e elles, apenas deixem de estar amparados no alheio, logo que não possam endossar com o terror das suas posições os saques ao açougue, á padaria, ao alfaiate, ao sapateiro, á cervejaria e aos senhorios — ir-se-hão finando, um a um, pelas sargetas, pelas cadeias, pelos hospicios. ¿ Mas o governo que fito tem quando ampara homens perdidos que, depois do assalto, rindo-se da *africa*, se fazem acompanhar por um desgraçado que aqui já foi preso e processado por attentar contra o pudor da propria filha e vem, com os revolveres da policia, dar descargas em volta da minha casa por horas mortas da noite?

Toma o governo a sério as eleições que não existem? Não é possivel.

Crê na infalibilidade dos directorios locaes? Ai de nós se assim fôra! Qual é, pois, o meio pratico de governar patrioticamente?

E' o despotismo central, impondo-se aos despotismos de campanario, até que o povo comprehenda o que é um regime de homens e leis.

E' o governo tão desgraçado que não esteja rodeado de homens capazes de interpretar uma necessidade e cumprir patrioticamente uma ordem? Um d'esses homens, vindo aqui, não dormiria sem prender os criminosos, apesar de tudo e das proprias leis.

Um grande numero de pessoas boas lhe daria logo todo o calor da sua adhesão.

As testemunhas davam tudo o que sabiam. O juiz pronunciava os reus. O jury condemnava-os. E o paiz

dava uns passos no caminho da civilisação e abençoava e beijava a mão que o opprimia.

Em pouco tempo o nosso dinheiro valeria tanto como em 15 de Novembro de 1889.

O café começaria a compensar a despeza da producção; e tornava este povo a viver alegre, como dantes.

O ministro dos estrangeiros da Italia não teria coragem e nem motivo para dizer a um funcionario brasileiro: — «que no Brasil os italianos eram menos que escravos.»

Os milhões aferrolhados por capitalistas brasileiros nos bancos de Inglaterra e de França, viriam, com outros seus amigos de lá, em alegre camaradagem, animar as nossas tentativas.

Emfim:

Eu iria, de chapeu na mão, pedir á estatua do insigne José Bonifacio que amansasse aquella óde celebre:

«... Paiz sem egual, paiz mimoso,
Se habitassem em ti sabedoria,
Justiça, altivo brio, que enobrecem,
Dos homens a existencia!...

*
* *

Isto é um paiz esquecido da sua historia e dos seus destinos, mas não é um paiz morto.

No dia 3, em quanto se enchiam de visitantes as minhas pequenas salas, discutia-se pela villa o assumpto. Na pharmacia Miranda, pertencente a um parente de um dos criminosos, falava alto a dezenas de pessoas o Dr. Virgilio Franklin d'Almeida Lima, medico e ex-Ministro d'Agricultura no governo do Dr. Alberto Torres, no Rio:

«... Supponhâmos que a esta torreira nós iamos ahi conduzindo para o cemiterio o cadaver do Martins. Que arrepios!

Eu já vi na Bahia um caso analogo que teve o desfecho que figuro.—Levantaram-se as pedras da rua e desceram as telhas sobre os bandidos; as mulheres trouxeram achas de lenha e as cosinheiras usaram chaleiras de agua fervente... Se aqui não se repetissem estas scenas era preciso que um cataclismo subvertesse esta terra!»

O Dr. Sebastião Barroso, uma individualidade sympathica e um medico queridissimo dos seus clientes, Deputado á Assemblêa do Rio, trazendo-me o seu revolver e querendo levar-me para sua casa, temendo um assalto á minha, disse:

«Nestas condições não ha jury que condemne a quem matar. E, se o houver, resta-nos, a nós todos, simplesmente emigrar.»

O Dr. Armando Carvalho, homem distincto, portador d'um nome illustre e cunhado dos srs. Teixeira Mendes e Miguel Lemos, os chefes do Positivismo, (nota 17.ª) que com as melhores intenções escreveram no pendão nacional aquella ironia da «*Ordem e Progresso*»

e nos papeis publicos a « Saude e Fraternidade » — exclamou:

« E' uma quadrilha perfeitamente organisada! E tão segura da impunidade, que anda pelas ruas gabando-se do feito! »

*

* *

São todos brasileiros.

*

* *

Ninguem ignora que o Brasil está passando por uma crise medonha.

Esta crise é, sobretudo, dos caracteres.

Aqui, no Oeste de S. Paulo, ha muitos homens bons na classe dos lavradores. Mas vivem isolados nas suas fazendas, cheios de ideias confusas dos phenomenos sociaes, abysmados na contemplação da sua ruina, ignorando o espirito das instituições. Se comprehendessem o valor da união, communicassem as suas impressões, reunissem as suas vontades — tomariam logo conta de tudo, porque são a classe util, valiosa e forte por excellencia.

Mas não se juntam, não se instruem, não se intendem; não se libertam.

Assim o paiz morre por falta de amor correspondido; e elles vão morrendo juntamente. O meu unico crime é julgar o Brasil digno de mais amor.

As cidades e villas erguidas em logares onde ha 40 annos eram guaridas d'onça, são habitadas por uma população cosmopolita e aventureira, para quem a sorte do paiz é indifferente.

No districto de R. Preto só de italianos ha mais do que de todas as outras nacionalidades, reunidas aos brasileiros.

Ora estes estrangeiros teem em execração os politicos; mas não podendo livrar-se d'elles, vão vivendo e fornecendo-os, na certeza de que só serão embolsados, se o forem, quando fornecerem alguma coisa ao Estado ou á camara; arranjando então as contas de maneira que tudo fica saldado.

Assim se explica por modo irrefutavel, como são irrefutaveis os factos, a ruina dos municipios e do Estado, a fortuna dos espertalhões e o seu conluio com os politicos, de quem chegam a aceitar, dando gostosas e occultas risadas, os postos da guarda nacional.

O estrangeiro enriquecido d'esta forma, retira-se para a Europa, ás vezes no mesmo paquete em que vão os seus socios nacionaes.

E então de lá, feito commendador, mette as botas nesta podridão de que elle foi um dos mais despresiveis factores.

Os que se arranjam d'outra maneira batem egualmente a plumagem, viram as costas a uma terra onde os *peores* dominam os *melhores*; onde a freguezia dos dominantes explica a quebra dos negocios onde se fornecem, se não fecham a tempo de evitar a catastrophe; onde as victimas chegam a contribuir para

que os algozes subam até ao cofre publico, para terem alguma esperança de serem pagos; onde (em Cravinhos) um advogado diz, desesperado, ao seu cliente: «aqui com *esta gente* é impossivel fazer nada serio!

Elles acham maneira de destruir o que é desagradavel aos que desejam proteger, riem-se cinicamente dos protestos que fazemos com a lei na mão e levam as coisas a ponto que só póde lutar com *elles* quem estiver disposto a pugilatos!

É a terra do revolver!!...»

Onde outro advogado affirma:

«.. portanto não faça a procuração aqui porque fica de maneira que não se pode aproveitar, visto *elles* saberem que é contra *elles* que vai servir...»

Onde um moço que frequentemente se embriaga em publico, depois de arruinar seu pai; de auxiliar o Dioguinho a desfeitear uma mulher casada na propria casa d'esta (Virginia Pucceti); que, depois de capitanear um grupo que pretende matar um negociante que não lhes vendeu fiado e protegeu uma sua victima — obtem como incentivo a novos crimes, em logar publico de alta responsabilidade, que rendia uns 8 a 10 contos por anno, quando era exercido por quem não obrigava os clientes a irem a cartorios distantes, por via das duvidas; que, porque outro funcionario se negou a abafar uma multa applicada ao marido de uma sua amante — o agarra e sacode e insulta; e se dispõe a esbordoal-o.

E que, parece que em recompensa, e ainda como

incentivo a novos crimes, é nomeado Major da Guarda Nacional. (nota 18.ª).

Foge-se, sim, de uma terra onde os processos ou não se movem por descrença e verdadeiro conhecimento das coisas; ou se movem e ninguem sabe o caminho que levam os autos, quer sejam movidos pela justiça estadual, quer pela federal, quer por particulares!

Foge-se d'uma terra onde um nojento trampolineiro, cujas façanhas lhe deram merecimentos para ser enforcado, pode tornar-se Intendente, arruinar e deshonrar um municipio, pagar (quando paga) suas contas particulares com o dinheiro publico, sem os camaristas darem fé de terem assignado... de cruz; e riscar o plano da eliminação dos seus desaffectos com os revolveres da policia — com o consentimento e calor do governo — jurando ao publico indignado, innocencia e... admiração pela victima!

NOTAS

1.ª

Ao amigo Joaquim Pinto d'Almeida. Cravinhos.

... Aqui ha uns 30 advogados, mas só dois ou trez não são governistas. É a necessidade de viver.

... Chame advogado de fóra, e *turuna*, ou desista, para não ser victima duas vezes.

... Assim, só um athleta póde ter algumas probabilidades d'exito... Desde que v. quer gastar o seu dinheiro pela certa, o meu conselho é que fique quieto; porque isto de justiça é uma pouca vergonha...

N. N.

(Um dos mais distinctos e independentes advogados de R. Preto).

2.ª

«Os nossos actos dependem de nossas qualidades intrinsecas, da educação que recebemos, das vantagens

que encontramos no mundo, das circumstancias sociaes em que nos desenvolvemos, da oportunidade que se nos depara de manifestar-nos no correr da vida.

Pensae em todos estes coeficientes e ficareis perplexos ácerca do valor real dos homens.

Dizei-nos o que não seriam tantos e tantos que ahi vemos arrastando uma vida ingloria, se porventura nos fosse dado proporcionar-lhes os ensejos que tiveram a felicidade de encontrar aquelles que são objecto da nossa admiração...»

Discurso de Teixeira Mendes no enterro de Benjamim Constant.

3.ª

Juvenal Moura é negociante n'este municipio, fóra do perimetro da villa; e pretendeu fazel-o *eleger* vereador uma fracção dos homens que estão com o governo, os quaes queriam (já?) desbancar o saracura.

Não dispondo, porém, dos cadernos do recenseamento, nem da policia, nem sabendo como se arranja uma acta, o grupo foi derrotado nos seus 18 votos pelos 10 dos adversarios.

Passados poucos dias, saracura, Lucio, Lopes, & C.ª *decretam* e *promulgam* — que as casas de negocio de fóra de perimetro da villa paguem trez contos de imposto municipal.

Já se vê que nenhum podia com os ventos, quanto mais o Juvenal. Esta lei deixava sem pão umas 20 familias honradas, os municipes com muita rasão de

queixa por verem terminadas suas facilidades de trocas e a propria camara com as rendas defraudadas.

Mas o Juvenal e todos os que o queiram imitar conheceram de que pau é a canôa... do caradurismo.

Este imposto foi chamado, pelos proprios que o *decretaram* e *promulgaram* «imposto Juvenal.»

4.ª

«... É ser muito exclusivista.

Já existe no Estado pelo menos uma municipalidade moralisada, que é a da capital, a qual, sob a chefia do conselheiro Antonio Prado, se impõe á benemerencia publica como qualquer das mais fecundas da Europa.

... Tanto eu creio que existem ahi muitas forças moraes, adormecidas embora, que nunca fiz visar meu passaporte pelo consul, o que me seria tanto mais facil quanto é certo ter tido em minha casa por vezes auctoridades consulares portuguezas.

Eu, porém, se fosse governo, responderia a essas intervenções, pondo fóra da fronteira com o passaporte na mão a todo o forasteiro que não confia n'um paiz e teima em viver n'elle. Sou coherente...»

*

* *

«... Depois, eu basto ás minhas vinganças. Só a um dos meus inimigos eu não consigo dar volta.

Este faz-me, ha 30 annos, os maiores maleficios. Já pensei em desterra-lo para a Ilha do Corvo: sou eu mesmo...»

5.ª

Ao dr. E. Ribas:

«... O governo tem de suppor que não temos Camara porque, além do expendido e por elle, vereis que ella não tem credito para um sacco de cal ou uns frascos d'acidos...

O empreiteiro da limpeza, como não é pago, deixa o serviço em abandono...»

6.ª

Ao chefe de policia.

«... Cravinhos não póde com esta quadrilha de ladrões d'animaes porque o chefe da malta fez surgir aqui uma sua irmã, um bom pedaço de italiana, que foi logo cercada pelo *povinho*. O saracura, hontem, depois de matarem o bicho no restaurante do Romagnini, entrou com ella no cafezal do Domiciano, no intervallo do espectaculo...

O *povinho* frequenta a especie de café cantante de que ella é dona, e alli bebe e se diverte sem pagar.

Por cada noitada d'estas é mais um gallinheiro e uma cocheira assaltada.

Elidio teve em casa, seguidamente, o Cazela, o chefe dos ladrões, a prestar-lhe serviços... Depois

d'isto não vos admireis de que ordene ao Alferes Delegado que o não persiga, por meio de cartas como aquellas que F... e F... viram no caso que aqui me traz...»

7.ª

Ex.mo Dr. Bernardino Campos
Presidente Estado

S. Paulo

Cêrca das 9 horas noite hontem fui assaltado grupo seis facinorosos capitaneados antigo companheiro bandido Dioguinho, actualmente chefe d'esta villa e por conhecido capanga escrivão da policia.

Defendi-me a braço primeiro impeto, andar sistematicamente desarmado; mas ver deliberação me matarem tiros queima roupa pude desenvencilhar-me recebendo rectaguarda descargas totaes grupo perseguidor.

Uma bala attingiu-me, sem gravidade devendo vida escuridão rapidez retirada.

Este grupo já 15 novembro 1900 attentára minha existencia perante mais cem testemunhas, como participei governo dr. Rodrigues Alves.

Ainda ante-hontem fez sair vagão cargas vaiado vigario parochia auxilio obediente policia.

Seu chefe ainda ha pouco aqui bateu fiscal consumo Moraes Barros por não deixar-se dominar.

*

Causa unica tentativa assassinato sendo victima, exclusivamente publicações assignadas tenho durante annos, por bairrismo, lamentado desgraças locaes.

Varias pessoas ameaçadas capangas.

Providencias grato saudações.

3 — 4 — 03.

M. F. Martins e Abreu.

8.a

Ex.mo Dr. Senador José Alves Guimarães.

S. Paulo.

Ainda impressionados pelos actos de barbarismo que estão continuando a dar a esta villa, entre todas as do Estado, uma triste celebridade, dirigimo-nos a V. Ex.a que bem avalia o estado de indignação e temor em que nos encontrâmos.

Indignação pelo que succedeu e temor pelo que pode succeder e succederá fatalmente, se os poderes publicos não tomarem providencias para serem castigados os criminosos.

... A impunidade, alentará a novos crimes; e taes excessos ou hão de produzir a reacção ou o abandono d'esta villa.

O facto é o seguinte:

....

Lembram a V. Ex.a uma circunstancia que cara-

cterisa o estado de desmoralisação e audacia a que chegaram os aggressores de Martins e Abreu.

Estando elles, pouco antes do delicto, em companhia dos Drs. Fabio Barreto e Henrique Duarte e do moço Theodomiro Ramos, 1.° suplente do Delegado, contaram o plano da emboscada e solicitaram auxilio. Negado este, posta em duvida a legitimidade das causas e censurado o plano por Theodomiro, foi este para logo insultado por Lopes Sambaqui e de maneira que aquelle avançou em desaffronta; foi, porém, seguro pelos dois companheiros; e quando reduzido á impotencia, foi-lhe rachada a cabeça com uma bordoada por Lopes!...»

Seguiam as assignaturas.

9.ª

Relação da emboscada. E terminava:

«... E' urgente providenciar e proteger os bons cidadãos contra as criminosas tropelias de meia duzia de desocupados que se julgam acima das leis.

... Esta successão de crimes não teve correctivo algum e d'ahi o crescendo de audacia dos desordeiros que contam em absoluto com a impunidade...»

Seguiam as assignaturas.

10.ª

No dia 2 do corrente, ás 9 horas da noite, quando se dirigia para sua residencia o sr. M. F. Mar-

tins e Abreu, conhecido negociante e proprietario, cidadão prestante e digno, encanecido no serviço da nossa civilisação como professor, lavrador, jornalista e outros misteres a que activamente se tem dedicado com admiravel tenacidade — foi — n'uma rua despovoada, assaltado por um grupo de 6 homens armados, entre os quaes é corrente estarem na frente pessoas das maiores responsabilidades na politica e policia do logar; e alli, ao certificarem-se de que era verdadeira a noticia admittida de que anda sempre desarmado, o cercaram com armas de fogo e cacetes, agarrando-o e tentando, assim coacto, subjugal-o.

Foi feliz o aggredido. Conseguiu desenvencilhar-se e escapar, apanhando, depois de um tiro á queima roupa, uma descarga de varios tiros pela rectaguarda sendo ainda attingido por uma bala no pé direito, afóra outras contusões, sem gravidade.

Os aggressores, conhecidos, apontados e confessos tinham capangas emboscados entre o logar do delicto e a casa do aggredido, para a hypothese de ser frustrado o primeiro assalto; e não caiu o aggredido entre estes bandidos, porque teve a inspiração de fazer a retirada para o logar povoado e illuminado, afim de que ficassem de alguem conhecidos os seus assassinos.

Dos assaltantes, estavam tres de tal modo embuçados e de chapeu derrubado, que não puderam ser reconhecidos pelo aggredido. Conheceu porém os restantes.

São: — Elidio Taveiros, seu irmão Rodolfo e José

Lopes Sambaqui. O primeiro é cunhado do Coronel Jordão Saracura, Intendente e chefe politico; e é logar tenente deste, sendo á sua inspiração que se move tudo aqui. E' tambem escrivão de Paz e Notario, sendo, pois, todas as grandes forças e responsabilidades desta situação.

O ultimo é escrivão da policia. Mas ninguem ignora que os chefes o sustentam como capanga e homem para tudo, sendo grande o numero de bravuras em que tem figurado, com grande quebra da dignidade desta terra.

Este ultraje ao meio em que vivemos mais se aggrava com a circunstancia das causas exclusivas da aggressão, que cifram-se no odio dos situacionistas ao jornalista que, em varias publicações de imprensa, talvez com demasiado calor e violencia, mas sempre com um desinteresse e uma liberdade d'analyse que muito o honram, assignando sempre o seu nome, tem profligado os erros e crimes dos dirigentes locaes. Tres dos actuaes aggressores já fizeram parte saliente d'outro grupo que, pelos mesmos motivos, e por outros ainda mais tristes, aggrediu Martins e Abreu em 15 de Novembro de 1900, perante mais de 100 pessoas, de dia, na Avenida 13 de Maio.

Ficaram impunes. Encarniçaram-se. Mas nós, sem deshonrarmo-nos, não podemos sanccionar com o nosso silencio attentados taes contra a liberdade de pensamento, contra principios fundamentaes do Direito, contra a nossa civilisação e os nossos costumes!

Nem sempre Martins e Abreu será feliz. Um dia

.cahirá assassinado, para nossa confusão e vergonha. Somos uma sociedade civilisada, temos governo, auctoridades, leis, policia, imprensa, estradas de ferro, telegrapho. Nosso corpo social está, pois, robustecido em ordem de poder ir eliminando o capanga, o assassino.

O aggredido escapou aos aggressores e á policia que, sob as ordens d'estes, simulou ridiculamente procurar os delinquentes, e apurar responsabilidades. Isto é muito vergonhoso, mas é verdadeiro. Aqui ha um pequeno grupo dominante que se julga em paiz conquistado.

Quem não fôr da opinião d'elles é considerado inimigo.

No dia 2, quando reuniam a sua gente para a aggressão, convidaram o moço Theodomiro Ramos, 1.º supplente de Delegado, que se negou e censurou o intento. Foi para logo insultado por Lopes com palavras que se não escrevem; e indo a reagir e sendo seguro pelos D.rs Eduardo e Fabio, foi-lhe, quando já reduzido á impotencia, rachada a cabeça pelo seu insultador, estando ainda enfermo.

Não ha muito, entrou esta gente no restaurante de Pascoal Bon e beberam cerveja; depois foram saindo um a um. Quando ao ultimo que ficou (Tiberio Junior, um dos embuçados na aggressão do dia 2) foi exigido o pagamento, surgiu um revolver apontado ao peito do negociante, a quem Tiberio advertiu ferozmente que era naquella moeda que pagava.

Elidio devia mais de 400$000 reis a José Igna-

cio, d'aluguer da casa em que morava; indo Tristão do Prado com ordem de receber, foi-lhe advertido em publico, por um cunhado de Elidio que não fizesse a cobrança, porque se arriscava. E ficou nisso mesmo.

Estava aqui, temporariamente, um Alferes da Policia com a Delegacia; uma quadrilha de ladrões d'animaes que infesta esta zona dera assaltos (como dá continuamente) nalgumas cocheiras; e o Alferes ordenou a prisão do chefe da quadrilha, que já por vezes apresentára os animaes roubados aos primeiros ameaços de pranchada. Elidio escondeu-o em sua casa, donde só saiu com uma carta para o Alferes, que o mandou em paz.

Uma carroça de um cunhado de Elidio quebrara uma perna a um cavallo de um pobre colono, que se foi queixar á policia. Foi despedido bruscamente, ameaçado ainda com a cadeia e pancadas se continuasse a queixar-se.

Uma noite, Elidio capitaneava uma malta de facinorosos para aggredir Martins e Abreu e outros; não os encontrando, quasi mataram á porta de Manuel Carvalho um inoffensivo camarada do Dr. Alfredo Pujol.

Ao inaugurar-se o edificio da Sociedade Italiana, Elidio e Lopes praticaram taes grosserias com as moças no baile, que teve este de terminar logo, para evitar assassinatos.

Quando Jorge Moraes Barros aqui chegou como Fiscal dos impostos de consumo, isolou-se e foram baldadas as tentativas feitas para dominal-o. Elidio

foi a sua casa com rogos para se abafarem as multas applicadas á sua gente e, não sendo attendido, foi até ao insulto e á ameaça.

Sendo tudo. improficuo, assaltou-o na Estação, de dia, á chegada d'um trem; e tel-o-ia, talvez, matado, se não lhe acudissem o chefe e outras pessoas.

Ha poucos dias tentaram extorquir 450$000 reis ao velho e respeitado negociante Joaquim Pinto d'Almeida. Como este se negasse, Elidio, como escrivão de Paz, redige um mandado de entrega sob pena de prisão, faz com que o Juiz, seu cunhado e seu bobo, o assigne em boa fé, arvora Lopes Sambaqui em official e... Joaquim Pinto entra, depois de 40 annos de lucta pelo engrandecimento d'esta terra — na prisão!

Isto difficilmente se acredita; entretanto foi ha um mez. O caso está entregue a advogado para a punição dos criminosos.

Parêmos por aqui. A relação dos crimes seria interminavel. O povo atterrorisou-se. A Camara, outr'ora prospera, chegou a ponto de não ter credito para a mais insignificante necessidade. Sem se ver como nem porquê, sua divida, attinge hoje uns 80 contos.

Os crédores sabem já que, sem um sequestro nas contribuições, não verão mais o dinheiro.

O Governo abandonou-nos. Não ha eleições possiveis ante o banditismo e o destacamento policial. Este, a quem pagamos para manter a ordem publica, defende, auxilia muito naturalmente os unicos que lhe dão ordens — Elidio e Lopes, que são os proprios que

dirigem e redigem e escrevem os inqueritos dos seus mesmos crimes, com ordem do governo, que não acredita na nossa desgraça. E' preciso que elle nos ouça. A vida dos mais prestantes cidadãos corre perigo. Ha sangue! E' mister que o Governo não feche os olhos. Que faremos?

Appellamos para o honrado Presidente do Estado.

Antes de qualquer outra providencia, para já, venha um Delegado que possa inspirar-nos confiança, ante quem as testemunhas percam o terror. O restante será facil.

Não é um caso de politica, é uma questão de civilisação, de que dependem os mais altos interesses d'esta villa e Municipio e do Paiz.

Cravinhos, 5 d'Abril de 1903.»

Seguiam as assignaturas.

II.ª

«Nada de barulho. O caso é de me assassinarem e ou o Governo intervem a serio ou sou liquidado; porque eu nem dou assassino e nem sequer me armo. E' uma lacuna do meu caracter espiritualista, mas é a verdade.

Não quero que saibam disto nem o Consul, nem o Ministro, nem Eugenio Silveira ou Luciano Fataça, com todos os quaes tenho relações pessoaes.

Quem, como eu, se enterra nas questões internas d'uma nação, não pode, nos atritos originados pelo seu procedimento, appelar para a diplomacia ou imprensa do seu paiz d'origem.

A questão é toda brasileira e eu quero, nella, para tudo, ser brasileiro.»

12.ª

A *autonomia* municipal estabeleceu o regime das quadrilhas em volta dos cofres das camaras.

Alli os desfalques nunca são verificados nem se prestam contas a ninguem.

Estão neste caso talvez 8 decimos das municipalidades brasileiras.

Nas outras repartições descobre-se de vez em quando uma ponta, como se vê aqui pelo meu velho «*Commercio de São Paulo*», chegado agora:

«Desfalque de dezesete contos na collectoria de Uberaba; desfalque de oitocentos contos na Contadoria da Guerra; desfalque de 4.866:017$300 na Casa da Moeda; quatro desfalques nas repartições do telegrapho; tres desfalques na Repartição dos Correios; dous desfalques em Delgacias Fiscaes... Doze desfalques em uma semana!»

«A Casa da Moeda do Rio de Janeiro, de ha tres annos para cá, praticou os seguintes desfalques:

Em 1900..............	6.541:433$190
Em 1902..............	2.587:039$100
Em 1903..............	4.866:000$000
	13.994:472$290»

13.ª

Isto não quer dizer que não haja homens limpos no meio.

Ignoram porem a figura que os fazem representar.

14.ª

Em quanto aqui foi escrivão o meu amigo Alipio Rezende trabalhou sempre para a policia e nunca d'ahi recebeu vintem; no seu tempo, porém, não se podia suppor o estado a que chegariamos. O meu amigo coronel Flauzino Correia foi tambem o ultimo Delegado gratuito e *livre*.

Logo que o banditismo conseguiu remover d'aqui o Alipio, porque, altivo, encaminhára as pretenções da cobrança de colonos italianos contra um dos grandes... eleitores, tambem o coronel Flauzino se retirou de vez.

E, d'então para cá, a policia é uma instituição para uso e gozo do *syndicato*. A camara atira para lá, publicamente, com 3 contos annuaes.

15.ª

Snr. Dr. Thomaz

S. Paulo

O Snr. Juca Ferraz esteve aqui em casa, de manhã. Por elle eu tive noticia que o Sr. Cunha Bueno estava na Fazenda. Venho chegando de lá, a pé. Este

Sr. é todo concentrado em sua lavoira, Sceptico em politica (e nunca as mãos lhe doam) no geral.

E' porém inconciliavel com vagabundos e cavalheiros de industria e devassos. E' reservado; mas eu, o conheço, e garanto que, se nós encontrarmos uma formula com probabilidades de victoria, elle é comnosco. Encontral-a-emos. Diz elle que o pagar é lei. E eu digo que este ainda não é paiz de leis; e que quem anda arredio de todas ellas não tem força para obrigar os outros a cumprir algumas.

Elle garante que o tumor ha de resolver-se por si mesmo; e eu observo (e v. s.ª como medico distincto sabe que tenho rasão) que o leicenço, não sendo lancetado no momento physiologico, satura o organismo de venenos e chega a destruil-o. Elle affirma que ninguem irá a sua casa para o roubar. E eu rio-me da hypothese: ¿ que necessidade teem *elles* de vir a nossa casa e ás nossas gavetas arrancar-nos os vintens — se nós muito voluntariamente lh'os vamos levar apenas avisadas ou sem aviso; e, mais ainda, somos devedores dos emprestimos que elles contraem? —.

Por fim, elle prometteu entender-se com v. s.ª ahi. Vai amanhã.

Precisamos de pouco. Só tres coisas:

1.ª — Comprehensão do regimen politico sob que vivemos theoricamente.

2.ª — Confiança em nosso direito.

3.ª — Cumprimento do nosso dever.

Para isto marcharemos em pé de egualdade, sem ideias de penacho. O chefe será imposto pelos aconte-

cimentos. Até lá todos somos chefes. A. esquecer-se-ha que B. tem o bigode mais comprido e o busto mais aprumado. C. perdoará o D. o seu talento. F. occultará a inveja da fortuna de G.

Vencido o inimigo comum, desinfectada a terra — cada qual voltará, se quizer, ao egoismo antigo.

Preciso observar a v. s.ª uma coisa: vós, brasileiros, tendes sempre o logar da frente do começo ao fim. Do estrangeiro, caçador de patacos, nada esperareis como iniciativa. Esperai muitos applausos se os merecerdes. Mas é mister gente nova na frente; porque os *dissidentes* mostraram-se demasiado patetas e ninguem d'esta villa arrastarão, embora todos reconheçam que são homens honestos — e bons companheiros para serem dirigidos.

A não ser assim nada se conseguirá. E como esta hypothese é assaz deshonrosa para nós todos (a resolução do tumor) eu impreco a v. s.ª que não negue a esta nossa terra o que ella necessita e espera de nós. Amen. O caso pede alguns sacrificios e muita ponderação. Perigo não ha nenhum. (Aqui eu não fui propheta).

Não pagaremos.

Em quanto o cofre municipal não mudar de mãos, só a Justiça á força nos arrancará o dinheiro para o queimar! ..

E, onde haverá advogados e juizes para nos compelirem?

Depois — os crédores dos trampolineiros e os da Camara acabarão a nossa obra. E teremos elevado

esta villa á altura de seus destinos, tornando-nos senhores de nossa propria casa.

Desculpe-me v. s.ª a insistencia: sem o Sr. Cunha Bueno estamos mal: Alem de muitas circunstancias que nelle concorrem, tem decisão e tenacidade.

Uma vez assumida posição, não sahirá d'alli senão vencedor. E' o que basta. Os seus defeitos de sertanejo havemos de perdoar-lh'os agora, principalmente porque em certo modo se tornam virtudes.

Uma das causas, a mais poderosa de todas, pelas quaes tudo neste paiz é difficil, é o isolamento em que se vive; reunamo-nos aqui e acharemos o que precisamos.»

16.ª

Houve, porém, ainda outras:

«Hontem veio aqui a minha casa o Dr.... pedir-me em nome de uns negociantes de S. Paulo, que eu não sei se existem 450$000; ri-me e disse ao Dr. que eu era amigo do Pai e já fizera calças e coletes para o Avô d'elle; e que, portanto, era uma pilheria de mau gosto o seu procedimento ante um homem que, ha 40 annos neste paiz, só tem dado motivos de louvor aos seus naturaes.

Respondeu-me o moço que o caso era serio; eu impacientei-me e elle saiu. Passado certo tempo entrou aqui o conhecido valentão Lopes Sambaqui e apresentou-me o seguinte:

«Mandado de deposito:

O cidadão José Pinto de Miranda, 2.º Juiz de Paz do, digo, Paz em exercicio do districto de Cravinhos, na fórma da lei e, etc.

Mando aos officiaes de justiça d'este juizo a quem fôr este apresentado indo por mim assignado e passado a requerimento de Duarte Machado & C.ª, que vão á residencia de Joaquim Pinto d'Almeida ou onde o mesmo fôr encontrado dentro d'este districto e ahi o intimem, sob pena de prisão a entregar a quantia de 450$000 réis de que o mesmo ficou depositario no arresto requerido pelos alludidos Duarte Machado & C.ª contra Dona Francisca Rosa da Silva; e uma vez feita a entrega, depositem a alludida importancia na Collectoria de Rendas Estadoaes de Cravinhos, procedendo á prisão do depositario, caso se negue a fazer a entrega da mencionada importancia. O que cumpram.

Eu Elidio Rodolfo Marcos Taveiros, escrivão o subscrevi.

Cravinhos 23 de fevereiro de 1903. José Pinto de Miranda.

Estavam inutilisadas duas estampilhas estadoaes de cem réis cada uma. Certidão. Certifico que em cumprimento do mandado retro dirigi-me a casa onde mora Joaquim Pinto d'Almeida em companhia de Antonio Silva, servindo de official *ad hoc* na falta do effectivo e ahi o intimei de todo o conteudo do mesmo mandado. E recusando-se o mesmo a fazer a entrega da importancia do, digo, importancia constante do mesmo mandado, procedemos á sua prisão, recolhendo-o á cadeia publica, d'esta villa, dando-lhe a respectiva contra-fé. Eu José Lopes Sambaqui, official de justiça interino o escrevi e assigno. José Lopes. Antonio Silva. Nada mais se continha no dito mandado e certidão que para aqui copiei do proprio, do que dou fé. Eu José Lopes Sambaqui o escrevi e assigno. José Lopes Sambaqui.»

?!...

*
* *

Comprehendi. Os homens necessitavam d'aquella importancia e não encontravam outro meio de a arran-

jar. Olhei para minha familia e para minha casa e... entrei na prisão.

Vi logo que ficaram atordoados com a minha deliberação, pois a sua ideia é que eu evitasse o ultraje com o dinheiro; e á cadeia foram o saracura e outros pedir-me que os mandasse bugiar, que saisse d'alli e não fizesse conta *d'aquillo*. Podia, pois, tomar a coisa como acto de carnaval mas preferi depositar os 450$000 e obter a contra fé, o que não foi facil.

Diga-me agora o que poderei fazer para desafrontar-me e a esta terra infeliz.

Cravinhos 22-2.º-03

Joaquim Pinto d'Almeida.»

*

*　　*

Resposta: «Recebe outra vez o seu dinheiro, se ainda existir.

E move-lhes um processo que os leva á cadeia, indemnisando-o de perdas e damnos. Isto na hipothese de sêr feliz na causa, porque o meu caracter e a nossa amizade exigem que eu lhe diga que isto de justiça é uma conversa comprida. Carnaval á parte, este systema de arranjar dinheiro deve ter sido importado dos desfiladeiros da Calabria...»

*

*　　*

Outra carta:

... «Ha effectivamente alguma coisa e é o seguinte:

O nosso Grasina é meu freguez velho. Combinou particularmente com Dona Francisca Rosa de ficar com o seu Restaurante, desonerado de quaesquer compromissos que ella garantiu não existirem, fazendo-se os annuncios usuaes. Eu fiquei, *em particular*, *sob palavra*, como fiador do Grasina. Mas dentro do prazo legal aparecem entre outros Duarte Machado & C.ª como credores de 450$000 rs. Logo, o negocio já não estava feito, já não servia ao Grasina. Mas o Advogado, em vez de accionar a devedora com o Restaurante, simplificou as coisas, combinado com Elidio, porque o Miranda é seu cunhado e seu bobo. Assignou de boa fé. Elidio prestou este serviço ao Advogado, que é seu *alter ego*, e lhe paga com usura em outros serviços. E a politica vingou-se de mim, como passo a expôr.

Eu estimo o Martins e admiro-o. Quando aqui passou o Ministro de Portugal fomos os dois acompanhal-o até o R. Preto. Isto é sufficiente para aqui ter inimigos perigosos. Ha pouco tempo o Delegado mandou conduzir á sua presença os donos do Restaurante Portuguez que se negaram a ir acompanhados por soldados.

Foi lá o Delegado com uma escolta e conduziu para a cadeia todos quantos lá se encontravam, com o que houve na cadeia uma grossa verba de carceragem e armas. Estava no meio o Francisco Amado, irmão do

Adriano que foi morto pela policia na Rua Saldanha Marinho, em R. Preto. Eu conheço ha muito o Francisco e estimo-o.

Fui ter com o Delegado, pedir-lhe que entregasse-lhe o revolver que lhe tirára, pois era homem pacato, mas, como negociante ambulante, não podia dispensar uma arma. O Delegado negou-se, deu-me as suas razões e eu vim para casa não satisfeito, mas resignado. Aqui soube que o Acacio, mestre da muzica com que *manifesta enthusiasticamente* e seguidamente os mandarins, obtivera as armas para alguns dos companheiros do Amado.

Então fui de novo procurar o Delegado e louvei-o por ter mudado de resolução, pedindo-lhe o revolver. Tratou-me menos delicadamente e mandou-me calar. Eu então exasperei-me e batucando piparotes na minha caixa de fosforos disse-lhe e ao Elidio: « — Se me negam o que dão ao Acacio por eu não lhes fazer festas com bombo e gaitas, estou prompto a arranjar um e outras! »

Vi que ficaram damnados, embora me mandassem o revolver a casa pouco depois. Mas logo acharam meio de se vingarem á sua moda, ainda certos de que com a vingança apanhariam 450$000 reis.

Já ouvi a um distincto brasileiro que no Brasil se dão factos que não teem semelhança em parte alguma do mundo; em Cravinhos, então, dão-se scenas que não julgo possiveis em outra qualquer parte do Brasil.»

Joaquim Pinto d'Almeida.

17.ª

Sabe-se que o Positivismo influiu na proclamação da Republica e nos primeiros actos do governo republicano; e que a Maçonaria anda grudada a todas as revoluções modernas.

A minha opinião acerca do valor da Maçonaria no Brasil é desfavoravel: nas mãos da ignorancia e da corrupção, tudo degenera.

Quanto ao Positivismo, o caso é, por agora, differente.

Aos seus pontifices no Brasil eu entregaria a educação de meus filhos e a honra da minha familia, embora não lhes entregasse nunca o governo do Paiz.

As suas publicações de propaganda são cheias de interesse, de saber e de honestidade.

Além de haver necessidade de disciplina espiritual para o grande numero de pessoas a quem, cada dia mais, não satisfazem as religiões do sobrenatural — o positivista não tira interesse material da sua crença; é, pelo contrario, um contribuinte do culto.

Não obtem por alli empregos nem pode mesmo exercel-os de nomeação e isto já é muito para elevàl-o em nosso conceito.

É obrigado a ter um modo de vida. Conheci dois, ambos tão equilibrados como honestos: o engenheiro Rufino d'Almeida, de quem me coube escrever o necrologio saudoso e que foi um modêlo do homem moderno. E Agenor Correia, meu vizinho, meu inquilino, meu amigo que, quando seu pai teve de entregar a

Fazenda á hypotheca, não se entregou, ergueu-se, fazendo-se professor particular e agora é padeiro.

Foram estes dois homens os unicos que, nas primeiras horas do terror, tiveram a coragem de protestar contra o assalto que soffri na Avenida 13 de maio em 15 de novembro de 1900.

Estudei o positivismo depois d'isso.

Não pude com a «*Synthese subjective*», que é uma obra para ser lida nos retiros da Cartucha e com um preparo que eu, pobre serrador, não possuo.

Mas consegui penetrar no Comtismo por meio das publicações do Apostolado Brasileiro e, sobretudo, pela obra magistral do R. P. jesuita allemão *Gruber*, na versão franceza do Abbade *Mazoier*.

18.ª

Ill.º sr. Procurador da Republica no Estado de S. Paulo.

... Estando eu, pois, no exercicio do meu cargo, aprehendi na Estação da Estrada de Ferro Mogyana uma barrica de fumo desfiado, pertencente a Gabriel Junqueira, por não estar em regra quanto á sellagem... Então fui procurado por Elidio Rodolfo Marco Taveiros, escrivão de Paz e da policia e Notario e cunhado do coronel Jordão Saracura, chefe local, que o acompanhava, com um capanga chamado Barbeitos; e me disse Elidio, ameaçadoramente, alta a voz, que attrahiu espectadores — que a barrica seria já entregue ao dono, por bem ou por mal.

Ao que eu lhe observei que o chefe da Mogyana não a entregaria, porque estava intimado a não o fazer e que Elidio, por muito forte que fosse, tinha de curvar-se diante da lei, tanto mais completamente quanto era um funccionario que tinha de dar exemplo de cordura.

Então Elidio tentou pôr-me a mão; e não chegou a fazel-o, não só porque recuei, como porque o chefe da Estação, Gabriel Junqueira e o Collector lh'o impediram. Saindo da Estação em direcção á Chacara de Martins e Abreu, onde habitava com minha familia, fui, na porta do Hotel Ribeiro, cercado por Elidio, que me qualificou de..., me pegou pelo peito e me sacudiu e ergueu sobre mim a sua bengala... Vieram em meu auxilio Eduardo Ribeiro, Victorino Soares e outras pessoas, quando eu já me dispunha a defender-me a revolver...

Lembro a V. Ex.ª que n'esta villa ha desde certo tempo um bando, uma especie de quadrilha dominadora que não dá quartel a quem não os acompanhar. É grande o numero de crimes que aqui comettem; sendo homens sem moral, todo odio de Elidio contra mim se cifra em eu não me ter sujeitado á sua imposição de abafar uma multa que appliquei a uma casa a que pertence uma sua amante...

Nem lhe serve de desculpa a embriaguez a que se entrega, porque sendo homem casado e desempenhando cargos de responsabilidade social, é obrigado a dar o bom exemplo.

V. Ex.ª sabe que é facil agitar o populacho contra um agente do fisco.

Pois Elidio, que dispõe da Policia, machinou um levante dos que eu multára nesta villa, contra mim; e tendo eu sido transferido poucos dias antes, a meu pedido, para S. José dos Campos e indo a mudar-me, com minha mulher doente e minha pequena filha, soube que me estava preparada uma aggressão no acto de tomar o trem, devendo ser desacatado e talvez morto, sob uma vaia a latas e assobios.

Valeu-me nessa occasião Martins e Abreu, que, com um destemor que lhe é altamente honroso, me facilitou a retirada, de troly por entre cafezaes e mattos, indo eu encontrar-me logo com um parente, administrador de Fazenda, e alguns homens armados que me acompanharam á Estação de Buenopolis...

As providencias são urgentes, não só para normallisar esta villa como para tornar possivel ao meu successor o desempenho do seu cargo...

Testemunhas...

Jorge Moraes Barros.

Resultado: Os papeis por ahi andaram; mas nenhuma das testemunhas citadas pelo queixoso foi ouvida. Uma das testemunhas era eu, que acceitei a indicação feita pelo sr. Moraes Barros para redigir o meu depoimento e fiscalisar os outros, encaminhando o inquerito a porto de salvamento.

Nenhuma das testemunhas sabe o caminho que levou a papelada. Não o sabe o queixoso, que é sobrinho de um recente e honrado Presidente da Republica e genro de um chefe do tempo da propaganda que trata os presidentes e ministros, tu cá, tu lá.

Não o sabe este povo affrontado e duvidoso de que no Paiz haja governo, leis, policia, magistratura; como ha telegrafo, vapor e imprensa.

E ha quem se admire de que exista um Olympio Lima com a sua «Tribuna»?

Aquillo é um *mal* providencial e redemptor, dada a audacia dos que retem o poder!

As audacias da impunidade

(Esta letra não está dissimulada; é natural e conhecida).

CORPO DO DELICTO

«Aos 2 d'Abril corrente, ás 9 ½ horas da noite, fomos chamados pelo Sr. M. F. Martins e Abreu para examinal-o e cural-o, pois havendo sido agredido a tiros de revolver e a cacete, soppunha-se ferido.

Lá comparecendo e procedendo ao respectivo exame, encontrámos o seguinte:

1.º—Uma bossa sero-sanguinea do couro cabeludo, situada no parietal direito, quasi na articulação com o ocipital, de seus 4 centimetros.
2.º—Varias escoriações no dorso da mão direita, já com certa tumefação da região correspondente.
3.º—Uma echimose na parte anterior da coxa esquerda, união do terço medio ao superior.
4.º—Outra echimose na nadega direita, alguns centimetros para traz da articulação coxo-femeral.
5.º—Finalmente, uma echimose entre o musculo externo e a base do calcanhar do pé direito, estando a botina, no ponto correspondente, furada por bala.

Dr. Sebastião Barroso.
Dr. Jeronimo de Cunto.»

*

* *

A 1.ª contusão foi produzida por uma cacetada vibrada por Elidio Taveiros, emquanto eu estava com as mãos ocupadas a desviar pontarias de revólveres.

A 2.ª foram cacetadas vibradas pelo mesmo Elidio e que consegui, multiplicando-me, aparar a tempo, sem largar os revólveres.

A 3.ª foi um esfola-gato que dei tropeçando num páu que alli no pasto deixara o circo de cavalinhos.

A 4.ª não sei como aquillo foi.

A bala foi o penultimo disparo; attingiu-me já muito perto da casa de Pedro Mariuti.

*

* *

As primeiras testemunhas que chegaram ao logar foram Jorge Fagundes e Francisco Claudio, que ainda encontraram alli os assassinos.

Para que o Governo saiba o fim a que aqui se aplica a sua policia, saiba-se que no dia 3, logo de manhã, andaram no logar em que eu sustentára, a braço, uma rapida refrega com os bandidos, alguns soldados fardados e armados, catando a capineira durante horas. E responderam a quem os interrogou que procuravam uma pedra que encabeçava um anel e um revólver Schmidt, da policia, que os assaltantes alli tinham perdido.

OS CHEFES DE CRAVINHOS

General Glicerio

E' o chefe n.º 1, sem elle mesmo saber porquê. Temos lido o seu nome nos jornaes e consta que já por aqui tem passado no trem.

Joaquim da Cunha

Chefe n.º 2. Coronel da Guarda e capitão de eleitores em R. Preto.

Corre que tem recenseados alguns garrotes, o seu bello cavallo libuno e alguns habitantes do cemiterio.

Energico e brioso ultra. Dedicado aos amigos e odiento aos inimigos.

Acapangado e não para vista.

Cioso do mando; seria talvez um cidadão util se não fossem os prejuizos do meio em que se creou. Sabe-se que é fazendeiro em R. Preto. Não sei se já aqui veio alguma vez.

É possivel.

Comprometteu-se com o governo a vencer uma

eleição nesta villa, desbancando o partido dissidente, que aqui dispõe dos melhores elementos moraes mas não tem cabeça. Cumpriu, sub-impleitando com o saracura, a quem os dissidentes confiavam umas apparencias de chefia, na qual já os tinha deshonrado mais de uma vez; não chegando a grandes excessos devido á dignidade dos dominantes, salvando-se muita coisa nos esforços que elle fazia para poder viver em tal roda. Estorvavam ainda o desabamento as publicações que eu fazia pela imprensa, nas quaes censurava homens a quem muito considero, por não dispensarem tal companheiro.

Isto durou annos.

Não lhes era facil dispensal-o.

Porque elle tem o descaro, a rabulice, e a viveza de um fazedor de eleições em que votam milhares de eleitores sem nenhum dar fé da coisa.

Sabe fazer manifestações *unanimes* com musica e bombas e champagne e discursos, sem o povo saber do que se trata e sem curar de o saber, apesar de pagar o pato.

Sabe adular, tranzigir, insinuar-se, curvar-se, ouvir insultos, mentir, falsificár recibos, substituir numeros, obter endossos de cem contos de reis, pôr o fruto dos endossos em nome d'outro, pagar dividas com demandas e fugas, domar vaidades com retratos o oleo — e faz isto tudo e mais com o dinheiro alheio, rindo e por fórma que até hoje ainda não apanhou uma dacta de pancadas, apesar de se terem enforcado milhares de pessoas por muito menos.

Joaquim da Cunha domou facilmente este homem com a promessa de comprar-lhe um cartorio em R. Preto por 50 contos e mandou para cá uma dezena de capangas.

O governo forneceu alguns soldados.

Os dissidentes deram a sua patetice.

Os estrangeiros não faltaram com o seu espirito miseravelmente ganancioso e indifferente á sorte do Paiz e — Cravinhos caiu em poder da infamia organisada.

Cunha não tem ideaes politicos, porque é um pobre sertanejo analphabeto e alheio aos phenomenos sociaes contemporaneos.

Vencedor, entregou esta villa (isto é, cem contos da camara, dez contos de escrivania e mais todos os arranjos que a falta de escrupulo opera quando num meio desmoralisado dispõe da força publica) — a um rancho de mariolas!

Já lhe fui apresentado, *sem o pedir*, pelo Coronel José Ferreira, depois de uma publicação violenta que eu fizera no «Portugal Moderno» ácerca do assassinato de Adriano Amado e outros, pela policia de Ribeirão Preto.

Essa publicação fizera abalo e foi além de meus intentos, servindo o partido de Joaquim da Cunha contra o do meu velho amigo Coronel Francisco Schmidt, que aliás foi um mau chefe, servindo a sua boa fé de joguete a espertalhões.

Ora o Cunha, auctoritario, impulsivo e ignorante só póde viver perto de caracteres miseraveis e obe-

dientes; educado com escravos e por escravos e d'uma familia onde um estupido ponto de honra leva a grandes excessos, não admitte que um carpinteiro de mão grossa o encare com um olhar de não dissimulada compaixão e superioridade.

Ficou-me odiando.

E agora, ao saber dos factos de 2 d'Abril, exultou no intimo, até saber que o assalto foi liquidante do dominio dos mariolas a quem elle entregou *isto*.

Então fez-me saber por dois membros do Directorio e depois por um seu parente, que reprovava o acto dos malandros.

Como os bons elementos do municipio teimassem em manifestar-me a sua simpatia, mandou cá um nosso amigo commum reiterar-me os protestos da sua reprovação á emboscada.

Respondi assim:

«Diga ao Cunha que eu não sou homem que se satisfaça com affirmações balofas onde só cabem actos decisivos.

Se elle quer que eu acredite na sua honorabilidade neste caso, reclame já do Governo seis ou sete logares nas colonias correccionaes da malandragem perigosa, recentemente fundadas pela policia, e abolete lá aquelles a quem elle entregou esta villa.

Então eu acreditarei na sua sinceridade de um mez após o delicto.

Se elle não souber como ha-de fazer isto, que venha almoçar comigo ámanhã; e prestarei ao Brasil

mais este serviço: tornar o Cunha um homem util ao Paiz.»

Para se avaliar o seu autoritarismo basta o recado que elle mandou a um dos membros do Directorio actual (que é moço muito trabalhador e economico e arranjado e digno, embora impulsivo) o qual não queria o cargo nem á mão de Deus Padre:

«Diga a F. que eu abafei aquelles autos — (questão de umas pancadas. Que honra para as justiças independentes da comarca!) e que *mando* que elle aceite!»

E, damnado da vida embora, aceitou.

Saracura

Chefe n.º 3. Planeou o assalto que sofri na Avenida, em 15 de Novembro de 1900. Quando viu que eu me revolvia no meio dos atacantes em defensiva efficaz e offensiva, mandou prender-me pelo Alferes Lapa, Delegado-capanga que, pouco depois, morreu de embriaguez.

Foi auxiliado pelo celeberrimo Capitão Amorim, que até já deu em gatuno, sendo agora guarda costas do curandeiro Faustino.

Como eu, depois de prezo, continuasse a ser atacado e a defender-me, chegou-se ao pé como quem não assistisse á bravura, para eu crer que elle não tomára parte n'ella.

Quando eu ia entrando na sala livre da cadeia, entrava elle na Farmacia Miranda e dizia para o

dono da casa e para o Dr. de Cunto, em ar triumfante:

«Foi prezo ou não foi prezo?»

Quando, no dia seguinte, a sua victima em um burro e victima da sua familia em 20 contos (Antonio Fernandes) foi pela centesima vez pedir a esmola de lhe pagarem, ao menos reconhecendo a divida no inventario — elle, que sabia que o Fernandes se chegára a mim como ultimo arrimo gracioso da sua justiça, apresentou-se aniquilado, de cabeça amarrada, dizendo-se com *febre de 45°*, gabando o meu caracter e censurando os cunhados por haverem executado as ordens que lhes dera.

Duas horas depois da saida do Fernandes, entrou alli o Joaquim Rodrigues e encontrou o mesmo *enfermo*, junto com o compadre Miranda (o tal Juiz de Paz que agora á ordem d'elles mandou prender o Pinto por ser meu amigo e por não se sujeitar á facada de 450$000 reis) bebendo entre gargalhadas á circunstancia de eu ter ficado sem chapeu na refrega.

(É de notar que então ainda havia 80 contos de sobra da hypotheca; hoje nada sobra e o pobre Fernandes veio-me aqui ter louco uma noite, dizendo que *elles* o vinham perseguindo para o matar e que o protegesse.

Não pude dar-lhe volta, durante um mez em que aqui o tive em tratamento; certo dia sumiu-se, na direcção de R. Preto, e teem sido baldadas todas as tentativas que fiz para saber o seu paradeiro.)

Andavam porém os antigos companheiros do Dio-

guinho embuchados com as affrontas que de mim recebiam.

O saracura planeou então o novo assalto, desta vez liquidante. Metteu-se cedo na casa de uma senhora respeitabilissima, sua victima; e, quando rompeu o tiroteio appareceu na rua 15 com a camisa fóra das calças a perguntar se tinham morto alguem, procurando alardear o seu espanto á porta de pessoas da minha amizade.

Quando se averiguou que, mais uma vez, Deus fôra commigo, exasperou-se, evitando, desesperado as esquinas e o passeio.

No dia 3 fez-me os maiores gabos em toda a parte onde pudesse ser ouvido por quem m'o viesse contar.

Dizia que eu, como inimigo, era sempre estimavel, e que elles (seus cunhados, capangas, etc.) como amigos eram detestaveis; que estavamos n'uma terra de bebados e bandidos. *Uff!*

E desappareceu nessa mesma noite, junctamente com dois dos assassinos. Foi veneravel da loja maçonica (grau 33!) que aqui fundou para o ajudar á exploração da terra.

Os bons maçons d'aqui nunca lá entraram. Elidio era o orador... O Miranda, em noites de vinho, ia para lá gritar em ordem a juntar povo na rua!. .

Em taes mãos é de suppôr o que foi a vida d'esta loja: foi o calote, e o embrulho e o desfalque, elevados á altura de regras.

Quando já não se entendia com o *serviço* quiz pas-

sar a prebenda de Veneravel a um conhecido medico d'aqui, que foi vêr o que por lá ia e... saiu sem se despedir.

A loja, quando não houve mais *babosos* a victimar, passou á historia.

Tem querido tambem passar as amantes, assim como tem passado as letras falidas.

A Intendencia largou-a agora, depois de 2 d'Abril, a um cunhado do Joaquim da Cunha, que estava nas sopas d'este e aqui veio *ser arrumado*.

Em dois d'Abril, este sujeito, (Dr. Duarte) ajudou a segurar o 1.º supplente do Delegado para o Lopes lhe rachar a cabeça, por não ter querido ajudar a matar-me. Nos dias seguintes andou pelo braço do Lopes affrontando esta villa e fazendo pandegas com os da emboscada até deshoras, tendo sua esposa de andar com uma creada a procural-o pelos alcoices. Seu companheiro habitual é Manoel Anjos, e está dito tudo.

Só numa terra povoada por cadaveres se tolera isto!...

O que fica por dizer é mais importante do que o que fica dito.

Rodolfo Taveiros (Alferes?)

Um degenerado. Nunca se pode fazer nada d'elle.

Comparsa do 1.º assalto. Ensanguentou no Hotel Ribeiro o inofensivo professor Lima, Rebentou a tijoladas, pondo o centro da villa em alvoroço, pela meia

noite, as portas e vidraças de Maria Saracura, entrou pelas brechas, fez fugir esta em fraldas pelos quintaes; e, armado com um revolver da policia, insultou esta e seu commandante que tudo aguentaram de braços cruzados, prendendo-o só depois de irem *consultar* seus irmãos e cunhado. Despacharam-no, depois d'isto, para S. Paulo, onde lhe arranjaram o logar de secreta ou cousa equivalente; mas voltou passado pouco tempo. Entre os *empregos* a que o encostaram figura o de fiscal do cemiterio; ao prestar as ultimas contas, verificou-se que se abotoára com todo o rendimento da sua repartição.

Foi elle que, destacado do grupo emboscado, deu o signal da minha aproximação.

Elidio (Major)

Creado no collo até ao bigode; a cada diabrura recebia um beijo; a cada pequena falta uma caricia.

Quando começou a vir á villa a cavallo, ou só ou acompanhado do Dioguinho ou do Lucio — começou a ruina da casa de seu pai; os saques á casa Telles Netto voavam antes de chegar á Fazenda.

Seu pai morreu victima da sua fraqueza com os filhos e com o Saracura.

Quando aquella honrada firma de Santos assumiu a tutoria de familia a quem distribuia uma mezada, Elidio fez saber ao interessado Mascarenhas que « se lhe tomasse o imovel hypothecado, nunca poderia dei-

xal-os sem uma carabina ». Mascarenhas tomou a coisa a sério e fez testamento. Depois tomou a fazenda, que já não dava a divida; mas, (generoso ou medroso?) deu á viuva, sob a condição de não poder alienar, um sitio sufficiente á felicidade de uma familia activa e ajuisada. Acostumado a gastar, cercado por nuvem de credores e completamente inhabilitado para ganhar a vida, deu em beber e alliou-se com o cunhado Saracura, que está nas mesmas condições (e é um espertalhão) para tomarem conta d'este municipio, durante o somno anesthesico dos seus moradores. Foi-lhes facil; pois ha quatro annos só eu me tenho atravessado na sua passagem triumphante.

Sabidos estes antecedentes, o resto explica-se.

Como elles tinham enxotado o vigario (que não se lhes entregára) receberam festivamente o bondoso padre Joaquim, de R. Preto, que aqui esteve uns dias e os tratou evangelicamente (... São os doentes que necessitam de medico, disse Jesus aos que o censuravam por elle se juntar com indignos). Mas quando o actual vigario veio substituil-o, fizeram a este grandes picardias. E Elidio telegraphou ao Bispo — que ou mandasse padre nacional ou não mandasse nenhum!

Tiberio Junior (Tenente?)

Consta que era um dos embuçados.

Elle sabe que fui amigo de seu finado pai; que sou um creado de sua respeitavel Mãe; que sua irmã

dona Mineca tem culto onde eu estiver, assim como outras senhoras da sua familia.

Sabe que sou amigo de seu cunhado e protector o coronel José Ferreira, de quem fui mestre, assim como de seus irmãos, irmãs, primos e primas.

E não ignora que sempre o tratei bem e *admitti na minha casa* até o momento em que elle quiz pagar no Restaurante do Pascoal uma ceia com as balas do seu revolver, sem a policia intervir, *apezar da queixa*. Depois, sim, virei-lhe as costas; era natural; estimava-o, queria que se corrigisse.

Estimava-me a mim mesmo, não podia admittir confusões.

Antes de cair neste meio desgraçado, era um moço limpo; chegou até a ser bom escrivão na Fazenda da Figueira, sob a administração de seu parente e meu amigo José Henrique Ferraz.

E' o recebedor municipal!

Anda para ser cunhado de Elidio, Rodolpho e Saracura; identificou-se—inutilisou-se.

Lopes Sambaqui

Typo de assassino nato, segundo a escola de Lombroso; nas grades que enjaulam os grandes criminosos encontram-se muitas caras assim. Uma senhora que conhece as viagens de Jacoliot, qualifica-o de cavalo de Benin.

Ninguem sabe quem é. Elle diz ser natural do Rio Grande do Sul. Quizera eu apanhar o seu retrato para apresental-o ao publico e á classe dos criminalistas.

Não pude, porque nas casas em que elle se possa encontrar não entro eu nem entram as pessoas que me podiam auxiliar.

Foi feitor de fazenda e caixeiro no Pontal.

Um dia cometteu actos que resolveram seu patrão a caçal-o a tiro, e escapou.

Unindo-se com um moço de boa familia, fundou uma casa commercial, sem nenhum fundo e ao fim de um anno entregaram em pequena percentagem alguns alcaides aos credores.

Ria-se cinicamente das coisas mais serias e arrastava uma mala respeitavel.

Saracura, que ajudára a liquidar-lhe o negocio como seu freguez, resolveu aproveitar o seu raro cinismo e escolheu bem.

Tem dado *tudo* o que d'elle se esperava, sobretudo nos dois assaltos contra mim, espaçados de 30 mezes.

Um dos muitos modos de pôr em prova as suas aptidões foi collocando-o como recebedor da Camara.

Esta recebedoria foi, durante 1902, a tiguéra dos depauperados; passaram por lá 3 ou 4, mas os desfalques foram em muito maior numero.

Quando Jacinto Amaral, seu irmão José, seu cunhado Mendes e seu compadre Medeiros pagaram suas collectas, foi Lopes quem recebeu e passou recibo; passados muitos mezes foi o mesmo Lopes quem os

intimou a repetirem o mesmo pagamento — por não constar da escrita do caixa a entrada d'aquellas verbas. Mais claro só o capote de um corvo.

Lucio (capitão?)

Creou-se junto com Elidio, como camarada ou mesmo escravo. É criminoso n'esta comarca por delicto comettido no Guatapará; mas foi alapado por aqui tão efficazmente que nunca foi preso.

É de crêr que o mesmo processo não exista mais.

Tem um beiço de menos; foi-lhe cortado por um tiro disparado pelo meu carroceiro e amigo José Medeiros na fazenda de José Ignacio, quando Lucio lhe andava roubando, de noite, leitões; tendo avançado de faca em punho em cima do sogro de Medeiros, quando este ia defender a sua propriedade, ainda o feriu; mas o tiro desbeiçador salvou a leitoada restante e os donos.

Desde então tem estado sempre ás ordens de Saracura e Elidio, já escondendo-o aqui mesmo na villa, já n'um sitio que tinham (em nome d'outros) em Batataes.

Agora vive ha mais de um anno na Fazenda Recreio, pertencente a Gabriel Junqueira, como participei já por duas vezes á chefia da policia do Estado.

É visto aqui de noite nas ocasiões de eleições e após algum artigo meu de imprensa.

A quantas tocaias d'este bandido terei escapado?

Vou remattar estes retratos com uma façanha de Lopes Sambaqui, de hontem á noite. (12 de maio).

Os libertos estavam em festa no terreiro do Zeca Barreto. No meio da bebedeira armou-se uma desordem e foi chamada a policia, comparecendo o sargento com algumas praças para effectuar as já requisitadas prisões.

Mas eis que chega o Lopes e intima o sargento a que se retire.

Este teima em ficar e cumprir o seu dever; e então Lopes, brandindo um cacete, ameaça rachar o sargento.

Este, vendo que varios outros *chefes* se riam da façanha do Lopes e estavam dispostos a auxilial-o, retirou-se cabisbaixo; mas chegando á cadeia, alli lhe foi exigida insolentemente a soltura de um camarada dos grandes... eleitores, que estava preso.

Então o pobre sargento desabafou: rasgou as orelhas ao atrevido e rachou-lhe as mãos de bolos!

São capazes de comel-o agora!

REFORMA DOS COSTUMES

Tenho falado de Cravinhos; agora vou fazer falar homens eminentes pelo talento e virtudes, como pelo patriotismo, para tirar a conclusão de que a doença dos caracteres é nacional e não local. E que ou reagimos ou sossobrâmos.

Ha uns poucos d'annos que difficulto o triumpho do êrro, com perigo de minha vida e perca de meus cabedaes, adquiridos pelo trabalho.

E' um direito que não abandono o de querer dignificar o presente e melhorar o futuro.

*
* *

Fala Alberto Salles, quando seu irmão estava na Presidencia.

«Já é decorrido um decennio depois que se proclamou a republica. O paiz já teve o tempo necessa-

rio para fazer a experiencia do novo regimen. A consciencia nacional deve estar preparada para pronunciar o seu julgamento. A machina politica montada a 15 de novembro de oitenta e nove já teve o tempo preciso para fazer a sua experiencia. E' chegado, pois, o momento de apreciál-a com justiça e de dizer com franqueza o que ella é e o que ella vale.

« Somos republicano, mas independente e patriota. Queremos na politica a selecção, mas nascida do seio do proprio povo, como a expressão genuina da vontade nacional, pela victoria immaculada dos mais dignos, dos mais competentes, dos elementos mais nobres da massa geral dos cidadaos. Queremos na administração a moralidade e a justiça, mas nascidas do sentimento da legalidade, como a expressão psychologica da consciencia do dever politico.

« Eis o nosso ideal, aquelle pelo qual sempre nos batemos, nos saudosos tempos da propaganda. Confrontal-o, porém, com o que se tem feito nestes ultimos dez annos, em nome da republica, é reconhecer com amargura que a estructura politica que levantámos, cheios de enthusiasmo e de fé, sobre os destroços do antigo regimen, não tem sido mais do que uma longa decepção, um desengano mortificante ás nossas mais ardentes aspirações.

Não queremos recriminar e nem desejamos neste momento apurar responsabilidades. Sentimos confrangido o coração deante das difficuldades de toda a sorte, que atravessa actualmente a nossa patria, estrangulada e quasi asphyxiada pela mais tremenda crise

que jámais tem experimentado; mas sentimos tambem a voz de nossa consciencia, bradando, revoltada, do intimo de nossa alma republicana, que o regimen de governo que erguemos sobre as cinzas revolucionarias de 15 de novembro, longe de favorecer a selecção politica, levantando o caracter nacional e nobilitando o cidadão, só tem cavado ainda mais fundo o abysmo da nossa decadencia moral.

«E' uma confissão dolorosa, que certamente nos custa fazer, sobretudo quando sabemos que ha ainda ao redor de nós, em intima communhão talvez, acotovelando-se comnosco nas secretarias e nas salas dos congressos, desfructando geitosamente os maiores proventos, muitos individuos que se deliciam em ouvil-a, envoltos nas sombras protectoras de uma restricção mental, ou presos ás garras do mais desbragado mercenarismo politico.

«Fazemol-a, porém, com a inteira altivez de nosso caracter e com a plena consciencia de nossa responsabilidade, simplesmente porque o nosso movel não é outro senão o engrandecimento de nossa patria, pela nobilitação do caracter nacional e porque reputamos um dever inilludivel de todo o bom republicano trabalhar corajosamente pelo melhoramento politico de seu paiz, acomodando a Republica, tanto quanto possivel, ás condições peculiares de nosso meio social.

....

«O que vemos com acerba mágua, depois de dez annos de republica, é que o paiz vae-se precipitando cada dia na mais profunda decadencia moral e politi-

ca, quando é certo, entretanto, que o nosso intuito não foi outro, ao proclamar o novo regimen, senão fomentar e garantir ao povo brasileiro a regeneração de seus costumes, pelo amplo exercicio de seus direitos e pela livre manifestação de sua consciencia, dentro dos moldes de uma estructura politica, em que o governo fosse a justa recompensa da superioridade do merito, e não um monopolio dos incapazes.

«A federação, que fôra a promessa solemne da emancipação das antigas provincias, como a lei de 13 de Maio havia sido a consagração juridica da emancipação dos escravos, não tem sido mais do que um magnifico instrumento para a collocação do numeroso grupo dos audazes, cujo unico fito tem sido até hoje a franca escalada ao poder e a mais torpe exploração do thesouro. Do norte ao sul do paiz, os governos estadoaes outra cousa não tem têm feito senão atirarem-se com furia á mais desbragada delapidação dos cofres publicos.

«A politica divorciou-se inteiramente da moral. Governadores e congressos firmaram entre si pactos reprovaveis, esquecidos e desprezados os deveres constitucionaes, para se entregarem á gatunagem e á licença, enchendo as algibeiras com o producto do imposto e afugentando os honestos com a perseguição politica.

«O mundo official nos Estados, que devia representar o escol da população, cahindo de dia em dia na mais abjecta depravação, não passa hoje, com rarissi-

mas excepções, de verdadeiros grupos de bandidos, organisados á sombra da constituição e das leis.

Por toda a parte campeia a mais desenfreada immoralidade, em virtude dessa lei fatal, que faz do exercicio do poder um patibulo do caracter, como bem disse um estimado escriptor. Se nos Estados não ha honestidade nem civismo, se ahi dobram todos a cerviz ao menor aceno que possa vir do alto, comtanto que não sejam perturbados na satisfação de seus mais ganànciosos designios—*sacra fames auri*—não menos contristador é o espectaculo que, sob o ponto de vista moral e politico, nos offerece o Congresso Federal.

Não ha mais um vislumbre de dignidade e indepedencia naquella grande corporação. Agachada e humilde, como os miseraveis cortezãos do Oriente, rastejando aos pés do governo, cujos intuitos procura adivinhar, com o medo de desagradar, o Congresso Federal é o symbolo mais perfeito e acabado de nossa profunda decadencia moral e politica.

E dizer-se que tudo isto, que toda essa obra de desmoronamento e de ruina, tem-se realisado no curto espaço de dez annos!

. . . .

O mandarinato politico, planta damninha de nova especie, vai abafando por toda a parte, por onde se alastra com furia, em sua medonha expansão absorvente, todas as manifestações legitimas, nobres e vivazes da consciencia nacional e transformando pouco a pouco este grande paiz, digno de melhor sorte, em um vasto e melancholico deserto, onde à arvore da

7

liberdade, crestada pelo sol ardente da dictadura, definha e morre.

O presidente da Republica faz os governadores dos Estados, os governadores fazem as eleições, e as eleições fazem o presidente da Republica.

. . . .

Será isto selecção? Certamente que o é; mas não dos mais nobres, dos mais dignos e dos mais fortes, senão dos mais fracos, dos villões e traficantes. É a victoria das consciencias elasticas, dos incondicionaes e dos ageitados, da numerosa tribu dos mercenarios politicos; mas é tambem, e por isso mesmo, a morte da nação, com o mais despotico interdicto lançando ás consciencias honestas, aos talentos de eleição e aos caracteres altivos.

Oiçâmos agora o Senador Julio Mesquita:

Não ha nenhum paiz no mundo civilisado que se conserve por muito tempo na deploravel, na angustiosa situação em que se acha actualmente a nossa patria.

*

* *

. . . .

Acho somente que o meio mais efficaz de remover para sempre o perigo não é persistir obstinadamente

na trilha errada, cheia de covas e de espinhos, que nos trouxe, aos solavancos, a este atoleiro.

....

a lavoura, o commercio e a industria definham;

o cambio desce;

as fortunas desapparecem;

a pobreza é geral;

a miseria, com os seus andrajos, já se insinuou pela porta de muitas casas e, indo até á cozinha, apagou com o seu sopro de gelo o lume dos fogões;

paira uma infinita tristeza sobre todas as coisas;

ha um profundo desanimo em toda a gente;

ninguem quer saber se a Republica é ou não é responsavel por estas desgraças;

a Republica é impopularissima;

as mulheres detestam-na, os homens, se não a odeiam, desprezam-na;

em dia de eleições, a voz desalentada de quem chama os eleitores ecôa por salas desertas;

os moços de talento e de futuro fogem de nós, e nós não somos eternos, nem sabemos se não nos faltará coragem para chegarmos ao fim da nossa infeliz jornada.

....

Não sei se os monarchistas estão ou não estão conspirando. Se estão, fazem mal, porque, para que lhes vá o appetecido fructo ás mãos, não é preciso que levantem as mãos para os galhos distantes da arvore. Esperem — que o fructo não tardará a cair por si, emquanto á volta do governo da Republica brasileira

se entôam hymnos e se erguem vivas ao espantoso progresso, ao extraordinario poder e ás energias liberaes... da grande patria dos *yankees*, dos *trusts* e dos dollars.

*

* *

....

Mas, por curiosidade, quando por mais não seja, eu sempre queria que me dissessem, ou que dissessem ao povo prostrado e sem esperanças, com que outros desconhecidos elementos pode contar a Republica para sair do bréjo em que se atolou, em que a atolámos.

....

Apoio popular? A Republica já não o tem. Prestigio e credito no extrangeiro: quem, em bôa fé, acredita nisto?

Eu sei: — a Republica dispõe da dedicação illimitada e incondicional (no bom sentido) dos governadores dos Estados. Não ha duvida. Ouso, porém, lembrar que mesmo essa dedicação — realmente a maior e melhor defeza das instituições — já não é o que dantes era, porque não vale o que dantes valia.

Os governadores precisam de partidos em que se firmem, e, do norte ao sul e do éste a oeste da Republica, em todos os Estados, á excepção talvez do Rio Grande, os partidos em que se firmam os governadores vão-se pouco a pouco desorganisando e desfazendo.

....

A imprensa teve ordem de calar-se, pouco impor-

ta o modo pelo qual foi transmittida aos jornalistas a senha do silencio. A tribuna emmudeceu, aqui de medo, alli de espanto, além em simples espectativa. Esmoreceu lentamente a discussão. Nem a minima e mais leve observação era tolerada, por maior que fôsse a porção de lealdade de que se ungisse. Recuaram, apavorados, descontentes ou magoados, os que tinham algum zelo pela independencia nativa da sua palavra escripta ou falada. Surgiram então os que conhecem a fundo os mil segredos da arte de agradar, e esses, caminhando cautos nas pontas dos seus sapatinhos de algodão, e com os labios a destillar o mel de palavrinhas meigas e subtis, foram-se geitosamente accommodando nas posições mais eminentes, e de maiores responsabilidades, elles que da Republica, ainda ha pouco, só sabiam o nome e, hoje, se a ella se chegam, e á sua sombra se abrigam, é porque della querem colher as vantagens e os proveitos que póde dar!

....

Não se responda que outros virão substituir os que sáem á força escorraçados e os que, por sua vontade, dia a dia se vão retirando, desgostosos ou enfadados. Os tempos aureos das adhesões ja passaram. Quem adhere, ou adhere pela digna e alta ambição de prestar serviços á sua patria, ou adhere pelo mesquinho desejo de collocar bem a sua pessôa e os seus interesses. As adhesões da primeira especie a Republica vae perdendo o direito de merecel-as. As da segunda, embora a Republica as solicite, já não as encontrará facilmente.

A hora é incerta. .»

Entra em scena o «Jornal do Commercio», o sisudo orgão do Rio.

Tanto elle tem razão quando falla em muitos milhares de contos furtados, quando todos aqui na comarca viram ha pouco:

Desfalque de 300 contos no correio de R. Preto; desfalque de 30 contos na Collectoria de Cravinhos, etc.

E vamos:

«O fim tragico que buscou o thesoureiro da Repartição do Correio de S. Paulo deve impressionar os que têm a responsabilidade do governo da Republica, pelas tristissimas causas d'aquelle acto desesperado de um funccionario que o relaxamento dos costumes e da administração publica levou a praticar um crime para expiar outro crime.

A politicagem, porque a politica leal e patrioticamente seguida nunca conduz a escandalosas protecções contra o serviço publico, tem perturbado a gestão zelosa e honesta de muitas repartições publicas e, especialmente, da Repartição dos Correios nos Estados.

Alli mesmo em S. Paulo, onde o thesoureiro do Correio se suicidou, dá-se um exemplo de indisciplina e de impertinencia, que seriam inadmissiveis em qualquer paiz de governação regular. O administrador ou director d'aquella repartição foi responsabilisado pelo seu chefe, o director geral dos Correios, por motivo de pagamentos que mandára fazer sem credito, por sua propria auctoridade.

Sendo suspenso por essa grave falta, julgou-se exauctorado e pediu a demissão.

Os politicos, seus altos padrinhos, não só não lh'a deram, como devia ser dada, como conseguiram do Congresso um anno de licença, que elle ainda está gosando, com affronta da disciplina e prejuizo do serviço publico.

No proprio Estado de S. Paulo não devem estar esquecidos os desfalques na agencia de Ribeirão Preto e na de Santos.

O responsavel pelo desfalque em Santos foi demittido, para ser pouco depois reintegrado pelos seus «amigos politicos».

De uma agencia do Estado do Rio de Janeiro foi demittido o agente, ébrio habitual, que não dava conta de si e espancava as partes. Um deputado declarou que havia de reintegral-o, mas por ora ainda não o conseguiu.

No Pará, o chefe de repartição, confiado no patronato dos «politiqueiros» zomba da auctoridode do Director Geral, não lhe respondendo a telegrammas e officios, porque «não quer dar-lhe satisfações».

E' raro o Estado em que a mais baixa politicagem não proteja e não acoroçôe essas rapinas e essa indisciplina do pessoal politico dos Correios da Republica.

Como exigir um bom serviço, em repartição tão importante, sem disciplina e até sem respeito aos superiores hierarchicos e sem probidade?

A sagacidade do honrado sr. ministro da Industria ha de reconhecer que isso é impossivel.

Os desfalques descobertos, porque só nos referimos aos conhecidos, nas agencias e repartições do Correio já devem ter attingido a milhares de contos nestes ultimos annos, e os cumplices moraes desses desfalques são incontestavelmente os politicos, que protegem os criminosos e acoroçôam os fracos a imital-os, pela impunidade que lhes dão junto aos poderes da Republica, junto ao poder Executivo, exigindo e obtendo a reintegração dos delinquentes; do Poder Legislativo, obtendo licenças; do Poder Judiciario, promovendo a absolvição dos concessionarios, que por excepção são levados ao julgamento.»

UM EPISODIO

Foi, creio eu, em principio de 1901.

Devido á falta de garantias para o trabalhador, houve numa das fazendas do coronel Cunha Bueno um conflicto entre um administrador dado ás bebidas e alguns trabalhadores bahianos.

Estes aliciaram dois *cidadãos de Geremoabo*, os celebres *Cangussú* e *Vacabrava*, pegaram no administrador, raparam-lhe o cabello, cortaram-lhe a barba e obrigaram-no a dar-lhes uma quantia muito superior á que lhes era devida.

O governo destacou o celebre valentão da policia João Antonio d'Oliveira para dar caça aos bahianos e matal-os, como fez.

Os saracuras de Cravinhos retiveram aqui a escolta dois dias e eu fui avisado de que a liquidação começaria cá por casa.

Anjo bento!

Era então meu inquilino o meu amigo Manuel Gomes dos Santos, (commerciante, fazendeiro e capitalista, por não ter aceitado a freguezia dos saracuras).

Nesses dias elle estava na Fazenda, em Villa Bomfim, do que me avisára. Ora os saracuras impeliram

contra mim o Oliveira, explorando a sua natural coragem e seu espirito de nativismo; escapei á provocação porque nunca tive tempo de andar dando conversa fiada pelas ruas. Somente de passagem pela porta do Hotel Catão, ao ser indicado ao *liquidador* da policia, fui por este medido d'alto abaixo com umas olhaduras injectadas. Eu sorri-me de despreso e de compaixão e passei adeante. Mas de noite, elles e o Oliveira esperaram-me na esquina do Jardim, armados de grossos cacetes. Fui avisado a tempo por um irmão do Cristovam Selleiro, a quem elles tomaram a principio por mim e chegaram a desarmar, ficando furiosos quando viram que — *este não é elle!*

No dia seguinte, destacaram um secreta para a minha chacara, onde offendeu e provocou a senhora, Esposa do Santos e suas tres pupilas, moças casadoiras, que, não estando eu em casa, andaram saltando varias cercas a procurar quem as protegesse do bandido.

Era calculo dos saracuras que eu batesse no provocador das senhoras e meninas e que este me mettesse uma bala no bucho.

Chegámos á noite, o Santos e eu. Avalia-se a indignação de nós ambos.

Elle foi queixar-se aos dois Alferes e elles, sabendo que só poderiam beber na sua casa se pagassem, riram-se ainda alarvemente do queixoso.

Desta vez eu escapei de morte certa; porque nem que subjugasse o bandido policial, toda a escolta viria a vingal-o.

A tragedia da rua Saldanha Marinho

D'*O Portugal Moderno* do Rio de Janeiro

«Foi afinal, demittido do cargo de Delegado de Policia de Reibeirão Preto o sr. Innocencio Celso d'Abreu, *setenta dias* depois da carnificina provocada por esta auctoridade na rua Saldanha Marinho.

Está na memoria publica o lutuoso acontecimento.

A proprietaria de um restaurante alegre obtivera e pagára licença para dar um baile, a que não faltára concorrencia, como sóe acontecer com todas as festas dissolutas que aqui se dão nas casas congeneres, como o *El-Dorado* e outras muitas.

Corria o *fuso* da rapaziada na melhor ordem que possa suppor-se em tão desculpavel desordem.

As portas abertas, a entrada franca, as damas pouco exigentes, a cerveja barata.

Um portuguez era o muzico; uma mineira por *vis-à-vis* cantava talvez a *cana verde;* um bahiano marcava os requebros cadenciados no rodopio folgazão. Sacrifica-se alegremente, naturalmente, fraternalmente, a Baccho, a Venus e a diversas musas, sem escan-

dalo de maior, a não ser a perturbação do somno á vizinhança; coisa em que as auctoridades absolutamente não pensam ao concederem licença para estas sarrabulhadas.

Adregou aparecer ali um tal Pernambuco, antigo carcereiro; e, ou por malvadez, ou por zêlo de primazias ou porque realmente ali lobrigasse um criminoso chamado Tiburtino, evadido da cadeia local, procurou o Delegado e affirmou-lhe esta ultima hypothese, que ainda hoje é uma hypothese.

O bandido estava ali espirrando canivetes, armado de carabina, dizia o homem, mentindo descaradamente, nesta ultima parte, pelo menos.

O sr. Inncencio nunca foi uma autoridade decorativa, tendo até feito successo por tomar o emprego a sério durante o tempo da sua administração; mas, violento, ignorante e acabando de jantar em festa de casamento com discurso e *champagne*, saiu fóra do sério.

Entre os fumos do vinho e da vaidade do villão com a vara na mão — organisa uma escolta a que dá rasgadas e terminantes ordens de *cerco* e *fogo,* invade abruptamente e sem formalidade alguma a sala do baile, levando diante do cano do revólver *e dos apodos mais soezes e deprimentes,* os que pretendiam, atonitos, explicar-se e que iam apanhando pontaços pelo peito; e dá voz de prizão e *bocca calada* a muitas dezenas de pessoas inoffensivas que se divertiam legalmente, julgando-se, ingenuos, numa terra civilisada, de cuja riqueza são os principaes factores!

A convicção publica de que tudo está direito, garantido até á chegada da policia, marcou o caminho a seguir.

Os termos ordinarissimos (tão sujos que não posso escrevel-os aqui) com que a autoridade se dirigiu aos forasteiros, tiraram quaesquer hesitações.

Eram os espiritos infernaes dos contos de fadas que, quando a gente mal se precata, vem, invejosos, perturbar a alegria dos mortaes.

Ir dormir á cadeia, prezo em um *fuso*?!

Mas sabel-o-iam o pai impertinente, a mãe adoravel, a amorosissima irmã, a noiva ciumenta, a respeitavel avósinha e o exigente patrão!

Acompanhar aquellas caras patibulares?!...

Mas eram os povoadores d'uma casa d'Orates e d'uma Penitenciaria, que surprehenderam os guardas adormecidos e ali estavam uivando como cães damnados!

Não houve medo; porque são valentes, por egual, o bugre, o portuguez, e o africano que produziram o brasileiro.

Retirando, cada um procurou portas, muros ou janellas; ouvem-se então seguidas descargas; ao ruido caracterisco de balas rebentando madeiras e furando paredes, junta-se o baque secco de um corpo na porta da cosinha e os ais angustiosos de um agonisante na rua e gritos de feridos aqui e alem.

Os protestos, as imprecações, os deliquios e o carão aparvalhado do delegado, meio chamado á realidade por entre os vapores da sua digestão laboriosa — se-

riam para o Dante divino uma pagina a hombrear com a do Conde Ugolino.

Até aqui os factos.

O Delegado passou a vara e prendeu alguns soldados, não sabemos porque nem para que.

A excitação publica foi grande.

E só a essa excitação é que se moveu o governo do Estado, mandando aqui o dr. Saraiva abrir inquerito.

Isto para inglez ver; porque este inquerito só passados dois mezes foi desencantado, quando a politica da terra, vendo que já não aguentava com o tempo, resolveu deixar-se de inventar modas e forçar o Delegado a pedir a demissão.

Mas o que resará o tal inquerito?

Só quem for muito ingenuo é que ignora que um inquerito feito nestas condições nunca dá nada, *por falta de provas*.

Houve um jornal que deu a nota miseranda á miseranda tragedia.

Disse este jornal (o *Diario da Manhã*, de Ribeirão Preto) que o baile era de gente da mais baixa esphera, uns bebados; que o tiroteio começou de dentro; e que o Delegado é verdadeiramente um benemerito.

Continua o dito periodico: que só gente sem imputabilidade que não tem em que empregar o tempo, levianos repudiados por todos, é que censuram a autoridade modelo.

Que, finalmente, foram presos alguns soldados e que estava aberto inquerito.

Para se avaliar a leviandade destas affirmações, destacarei um só facto, que apresento a todos os homens de bem.

Nesse baile estavam dois rapazes, meus camaradas, a quem eu aperto a mão e recebo á minha meza, os quaes tinham ido, da matta onde estavam (e estão ainda) serrando madeiras por minha conta, a Ribeirão Preto, para enviarem dinheiro a suas familias, em Portugal.

Ora se de premissas é que se tiram corollarios, está visto, na logica do tal jornal, que os bons cidadãos são os que abandonam á miseria os seus antepassados e os seus descendentes e as mães d'estes; os que passam toda a vida n'um deboche sujo, ainda que engravatados, sustentados pelos azares do baralho e pelo calote e passagem de notas falsas e desfalques e politica.

Se não, isto de logica, de raciocinio são ferrugentas petas da velha escolastica jesuitica.

Foi a esse jornal que eu reptei por estas columnas a sahir a uma discussão sobre a tragedia de 14 de setembro, quando permittiu que nas suas columnas se ouzasse qualificar de «ridiculo, mesquinho, torpe vil e baixo» o procedimento de tantos homens honrados que, commigo e com este semanario censuravam os assassinatos impunes e pediam justiça, em nome do amor que consagram a esta terra.

Ninguem veio; sabia-se de ante-mão que eu uso, nas caçadas aos javardos, botas ferradas e forcado.

A moral publica perdeu muito com o fracasso; porque não havendo nenhum homem de bem que ouse desculpar o banditismo da rua Saldanha Marinho, avaliarão os que me conhecem que iam ouvir-se em Ribeirão Preto verdades que ninguem até hoje teve coragem de dizer, sahidas da bocca d'um rude carpinteiro que não crê em assombrações.

Os governos, nos conflictos do consorcio juridico-moral com as exigencias da *politica*, fazem, afinal, aquillo a que os compellem os governados. Ora um povo que emudece ante uma atrocidade das autoridades, é um povo que perdeu aquillo que faz enrubecer as moças quando se lhe furtam beijos — é um povo escravo pelo acobardamento.

Se ha dignidade politica em homem, se existe uma, abstracção que se concretise nas palavras *patriotismo, altruismo*, — patriota foi o sr. Fataça com a verdadeira, opportuna e muito bem escripta descripção das vergonhas de 14 de setembro em o n.º 99 d'este semanario, descripção á qual em muito o incitei.

Altruista e benemerito do Brasil é o sr. Mendes Braga, que desde o primeiro dia ainda não sahiu da brecha a reclamar justiça, affrontando prejuizos e perigos numa terra de maioria de adventicios sem bairrismo, caçadores de riqueza, « onde tudo se faz e tudo se póde, tudo! » na phrase energica do dr. Braz Arruda, que aqui foi uma grande força civilisadora. Fo-

ram emfim muito bons cidadãos todos os que sustentaram a causa da justiça.

Não terminarei sem explicar a todos os meus amigos e aos que me lêem, que eu não concordo absolutamente com intervenções diplomaticas por dá cá aquella palha, sobretudo sem exgottar os muitos recursos que o direito interno faculta a todos.

Cada paiz tem as suas leis, quasi sempre muito sabias e que se cumprem, toda vez que o povo saiba fazel-as cumprir.

O Brasil, necessitado do sangue e do capital europeus, é a primeira victima do menospreso das boas normas do direito.

Por conseguinte, sendo todos interessados no fiel cumprimento das leis, talvez não seja difficil conseguil-o, se cada um ou ao menos alguns souberem cumprir o seu dever.

O Brasil ainda não chegou, e espero em Deus que nunca chegará, á baixeza de ser amedrontado com um couraçado e desembarque estrangeiro, ali, por exemplo, no *porto Francisco Schmidt*, do nosso escuro Ribeirão.

Aos portuguezes não falta protecção entre os brasileiros; eu vivo ha quasi vinte annos no meio d'estes, entre a classe em todo o sentido mais valiosa do paiz, a dos fazendeiros e nunca me julguei entre estranhos.

O mesmo succede a todos os que foram educados na religião do *Dever*. Os conflictos que aqui se dão

são identicos aos que se presenceiam em Portugal entre portuguezes e mesmo entre irmãos.

O jacobinismo, que é a inveja dos que não prestam ao contemplarem as mercês que Deus faz a outrem, só existe no Rio.

Em todo o restante Brasil nós somos queridos e animados pelos nacionaes, até causar inveja aos estrangeiros.

O proprio sr. Innocencio Celso d'Abreu foi sempre muito chegado aos portuguezes e nunca lhe tinha passado pela ideia que seria causa do assassinato de Adriano Amado.

Na tragedia de 14 de setembro, bastava que um ou dois bem deliberados d'entre nós, procurassem os chefes locaes; e quasi garanto que logo se conseguiria o que fosse rasoavel.

Podiamos ainda appellar para a segunda instancia, que é o presidente do Estado; a terceira era a magistratura regular e o Tribunal Supremo é a imprensa.

Esta ultima, força terrivel, cujo computo escapa aos mais meticulosos e ousados calculos da mechanica social, dá sempre a victoria a quem tiver pelo seu lado a razão e a inquebrantavel decisão.

Palmilhando este caminho chegariamos a dar com a Justiça.

E' assim que se faz, mais palmo, menos palmo, em todo o mundo civilisado; pois a *politica* não tirou privilegio para ser, só aqui, synonimo de desavergonhamento.

Mas ninguem fez isto; um não se arriscou porque

receiou que A. não se lembrasse mais do terno encommendado.

Outro porque não quiz perder a venda de duas resteas de cebolas ao capitão B.

Ainda outro porque tem amor á pelle. E assim por diante.

Todos gostavam que alguem tirasse a castanha das brazas; e mettiam, á socapa, em justos e peccadores, uma lingua de uma vara de comprimento.

Ora com gente desta, só mesmo a pau, quer no Brasil, quer na França ou na China.

Atacou-se então o Ministro de Portugal.

O sr. Conselheiro Lampreia não commetteu acto algum que destoe das praxes diplomaticas e do senso delicado do homem de boa educação e bom juizo.

Foi aqui recebido com um fidalgo agazalho em que nem tudo foi estudado; e mesmo o fingido foi muito louvavel; houve, da parte da população brasileira mais valiosa, actos expontaneos que nos captivaram, como, tomando um exemplo entre muitos, o discurso em guiza de conversa, do velho Dr. Loyola, no jardim.

Era preciso que o Ministro não fosse um homem intelligente e educado e bom, para desconhecer que nós aqui estâmos em nossa casa, no meio d'amigos.

Para evitar conflictos internacionaes provocados pelas irreflexões dos proprios diplomatas, é que os governos são previamente consultados acerca do conceito em que teem cada um dos que se pretende enviar-lhes como representantes.

*

Se não é *persona grata,* não vem; e aos consules nega-se muitas vezes o *exequatur* pelas mesmas razões.

Alem disto, as attribuições dos consules são, nestes casos, assás restrictas, ao contrario do que muita gente pensa. Em quanto a séde deliberante e imperativa dos actos humanos residir no coração, nós todos temos de ser muito gratos aos brasileiros, pelo muito que delles recebemos em affectos.

Ha, entre nós, muitos homens com a balda de encherem a bocca de palavras balofas.

A elles, porque nada entendem, nada os satisfaz.

Se elles quizerem ter a paciencia de me ouvir, escutem alguns factos que vou narrar, de que ainda ha vivos muitos actores e comparsas.

Faz uns vinte annos, certo delegado de policia do Belem do Descalvado, num circo de cavallinhos, matou com uma facada um portuguez que *ouzára* censurar-lhe alguns despropositos.

Os parentes do assassinado promoveram a accusação da autoridade, logo demittida e presa.

(Foi ha 20 annos).

O jury d'aquella villa estava de todo desacreditado, como acontece hoje á mesma corporação em certas cidades nossas conhecidas; a absolvição do bandido era apregoada com antecedencia.

Pois os portuguezes reuniram uns duzentos homens armados e mandaram recado aos jurados que seriam espingardeados á sahida do tribunal, no caso de absolvição.

E foi condemnado; e quasi apodreceu na Correcção em S. Paulo, tendo gasto na defesa todos os seus bens.

Perdeu tambem a familia, no meio da qual caiu a maldição em quanto elle gemia preso.

Outro: Haverá uns quinze annos, certo portuguez apanhou uma grande sova numa Fazenda de Campinas, por motivos absolutamente futeis e por modos covardes.

Gritou-se, metteu-se a bocca no mundo e no digno agente consular naquella cidade e... afinal viu-se que tudo ia ficar assim mesmo.

Então um Gomes Pinto, talvez ligado occultamento com o vice-consul, puxou os cordães da bolsa, ajustou um advogado para encaminhar o processo de responsabilidade ao fazendeiro e este teve de curvar-se ás imposições que lhe fizeram.

Assim acabou a prosa, conseguiu-se o fim e não se disseram mais tolices.

Aqui em R. Preto faz uns seis annos, um rapazote insolente tratou de tal sorte um italiano que este fez o que o pai do rapaz se tinha esquecido de fazer antes: esbofeteou-o com certa rudeza.

O rapaz queixou-se ao pai mostrando uns arranhões.

Este desgraçado armou-se com uma garrucha e, em pleno dia e em plena rua, matou o italiano pelas costas.

Os italianos indignaram-se; correu uma subscripção, foram arranjados meios de pagar a um accusador particular, (*que acompanhou o processo*) o qual não tinha abobora na cabeça nem papas na lingua; e apezar de muitos pezares e de o jury o absolver sempre, não o deixou respirar cá fóra o digno Juiz senão depois de queimados os ultimos cartuchos em defesa da justiça e da moral, e quando aquelle infeliz tinha já dorretido a sua fortuna para se defender. Com o que logo morreu, no maior vigor da vida.

Eis o caminho que leva direito a Roma.

O mais são pataratas.»

Cravinhos, Estado de S. Paulo, Brasil -- 18 de de maio de 1903.

M. F. Martins e Abreu.

Ao Snr. Dr. A. de Toledo Piza

Illustre chefe da Policia de S. Paulo

Francisco Rodrigues dos Santos Bomfim foi um rapaz portuguez que um dia appareceu em S. Paulo, para onde levou uma grande ambição de enriquecer e as qualidades precisas para realizar o seu desejo.

Trabalhou em estradas de ferro; poz uma venda e desenvolveu o negocio; comprou uma fazenda; fundou a opulenta Villa Bomfim, d'onde chegou a tirar um rendimento de mais de cem contos annuaes.

Chegou a possuir alguns milhares de contos, que mutuava. Era de um viver simples; nunca maltratara pessoa alguma, inimigo de violencias.

Por sua desgraça emprestou dinheiro a pessoas que nunca reconheceram força social superior ao clavinote do Dioguinho.

E quando um dia o Bomfim protestou uma letra aceite e não paga por uma d'essas pessoas, o Dioguinho veio visital-o, de dia, notou-lhe que era *amigo* do aceitante e que até precizava de uns 20 contos.

Bomfim era medroso e mesmo covarde. Pagaria os 20 contos e levantaria o protesto da letra; mas assustou-se com as exigencias que poderiam vir depois, foi queixar-se ao governo, muito em segredo, da sua situação e... marchou para a Europa.

Eram então Presidente do Estado e Chefe de Policia dois homens d'acção: o Dioginho foi caçado e morto; seus protectores presos e processados. Mas, feita a caçada e entregues os prezos á Magistratura, o governo abandonou de novo Cravinhos á sua sorte desgraçada.

Eu vi o chefe local visitar os criminosos prezos, de dia, á vista d'uma população espantada. Vi serem despronunciados ante provas esmagadoras; vi os seus capangas tornados no quasi unico corpo eleitoral recenceado e serem os quasi unicos a responder á chamada dos escrutinadores no dia da eleição.

Vi-os finalmente, tomarem conta da terra.

Francisco Bomfim tinha em Cravinhos familia e fazenda e conheceu, na sua viagem de fuga, que era já mais estrangeiro em Portugal que no Brasil.

Regressou confiado na honra do governo, na honra do Paiz.

Poucos dias depois da chegada, vindo da Fazenda para a Villa, já ás portas desta, dia pleno, foi assassinado, a tiro, juntamente com o séu cocheiro.

*
* *

Isto vi eu.

E V. Ex.ª viu, viu o Governo, viu todo o Estado que houve um homem em Cravinhos com o pudor necessario para affrontar este banditismo durante annos; *um homem rodeado do amor da familia, da felicidade que dão a saude e o trabalho, do bem estar material oriundo do seu labor, da consideração de todas as pessoas limpas.*

Pois este homem, ao escapar, pela segunda vez e por um alto capricho da sorte, de ser assassinado pelo banditismo impune de Cravinhos, veio tambem á Europa para melhor servir a America, mas reconheco que ja é um estrangeiro aqui, vai voltar brevemente: **Ave, Cesar; morituri te salutant.**

Portugal—Mortagua, 20 de Junho de 1903.

M. F. Martins e Abreu.

Ill.mo Snr.

Sr. Silva Pinto

Nas Monicas ou na

Travessa da Palmeira 35

Lisboa

MORTAGUA

93